

Coletânea Poética: entre manguezal, doce-caju, conchas do mar

Poetic Collection: Among Mangroves, Sweet Cashew, Seashells

Autoria: Ana Clara da Costa Carvalho Fernandes

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9718-7522>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6400625181565636>

Autoria: Lucas Branco de Araujo Motta

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8649-3891>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6115523014641425>

Autoria: Magno da Guarda Almeida

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8471-8471>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8815015222439460>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2024.233931>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/233931>

Recebido em: 15/08/2024. Aprovado em: 22/10/2024.


Editores responsáveis: Magno da Guarda Almeida e Eduardo Marinho da Silva.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, n. 25, jul./dez. 2024. eISSN: 2525-8133

Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>. Contato: opiniaes@usp.br

 fb.com/opiniaes

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

 <https://usp-br.academia.edu/opiniaes>

Como citar (ABNT)

FERNANDES, Ana Clara da Costa Carvalho; MOTTA, Lucas Branco de Araujo; ALMEIDA, Magno da Guarda. Coletânea Poética: entre manguezal, doce-caju, conchas do mar. *Opiniões*, n. 25, jul./dez. p. 185-316, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2024.233931>.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/233931>. Acesso em: XX mês. XXXX.



Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)

Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

A revista *Opiniões* não se responsabiliza por opiniões, ideias e conceitos emitidos pelos autores dos textos, assim como por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela utilização de fotos, imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

coletânea poética: entre manguezal, doce-caju, conchas do mar

Ana Clara da Costa Carvalho Fernandes¹
Lucas Branco de Araujo Motta²
Magno da Guarda Almeida³

O Nordeste brasileiro é um caleidoscópio de cores, sons e histórias. Entre o imenso mar e o verde das suas matas, há um universo de palavras que ecoam a vida em suas várias formas. Esta antologia convida você a mergulhar nesse universo, onde a literatura se torna a voz da terra e dos corpos. Aqui, o sertão não é apenas a aridez visível, mas o solo fértil onde brotam versos, contos e cantos que celebram a resistência e a beleza de um povo.

Nestas páginas, reunimos vozes que atravessam gerações e geografias. Cordelistas que entrelaçam a tradição oral com a urgência do presente; contistas que tecem narrativas tão densas quanto a umidade do ar à beira-mar; poetas que transformam o balanço dos coqueirais e o ritmo das ondas em versos; slammers que gritam, em rimas afiadas, a potência de existir na pele, no gênero, no território. Cada texto é um fragmento de um Nordeste que se reinventa, que não se deixa aprisionar por estereótipos, mas que se expande em sua complexidade e pluralidade.

A fauna e a flora nordestinas não são apenas cenário, mas personagens dessas histórias e líricas. O canto do sabiá, o voo das guará-vermelhas, o cheiro do mangue, o perfume das flores de jasmim – tudo ganha vida nas palavras desses escritores. O mar, tão presente na vida de quem vive no litoral, é metáfora e realidade: ora calmo, ora revoltado, ele reflete as marés humanas, os amores e as dores que transbordam das páginas. Esta antologia também celebra as diversidades. Aqui, os corpos são poemas, corpos que resistem e dançam, que sangram e sonham. A terra, tão sagrada quanto violada, é reverenciada em sua força e generosidade. As palavras são sementes plantadas no solo fértil da memória, germinando histórias que falam de ancestralidade, mas também de futuro.

Longe de ser um retrato único, esta coletânea é um mosaico de olhares. Há poemas que falam da seca, mas não como um fim, e sim como um recomeço. Há contos que

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: anaccfernandes@usp.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6400625181565636> ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9718-7522>

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (PÓS-LIT) na Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: lucas.bamotta@ufpe.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6115523014641425> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8649-3891>

³ Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) na Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL, Brasil. E-mail: magnoalmeida.al@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8815015222439460> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8471-8471>

opiniões
seção antologia

mergulham nas águas salgadas do mar, mas também nas águas doces dos rios que cortam o interior. Há cordéis que rimam a tradição com a modernidade, e slams que transformam a dor em arte.

É preciso dizer: ser escritor no Nordeste é uma dança ritmada ao som das aves. É resistir à invisibilidade, é ocupar espaços que muitas vezes nos são negados. É transformar a dor em beleza, a luta em poesia. Esta antologia é, portanto, um manifesto de existência. Um grito que ecoa das praias às serras, dizendo: estamos aqui, somos muitos e várias e todo mundo cabe nessa voz que não se cala.

Que estas páginas sejam um convite ao deleite, à reflexão, ao encantamento. Que elas nos lembrem de que a literatura tecida no Nordeste é tão vasta e diversa quanto o próprio Nordeste e qualquer outro lugar deste Brasil. E que, ao final da leitura, possamos dizer: aqui, encontramos um pedaço de nós mesmos.



alagoas

milton rosendo

Maceió

Milton Rosendo nasceu em Maceió, Alagoas, no ano de 1974. Seu livro de estreia, *Os moinhos*, foi lançado em 2009. Sete anos depois, em 2016, publicou seu segundo livro de poemas, *Caos-totem*. No ano seguinte, 2017, participou da coletânea *Amores ébrios*, juntamente com outros nomes da literatura alagoana. Em 2021, publicou, pelo selo Trajes Lunares, *Azul como um rottweiler*, seu terceiro livro autoral. Teve alguns de seus poemas musicados e é roteirista de histórias em quadrinhos.

a preparação do ator

Uma turbulência, uma
composição contendo cão
roupa balouçando no varal,
mulher,
um jogo de cartas, incenso,
uma baixela de prata,
um bastão de giz caído no
assoalho,
um selo,
a trama impermeável das
florestas,
uma sombra na esquina:

o resultado é que não me
acompanho de um corpo,
talvez seja somente um grito
atirado de um píer,
a noite revoluta de estrelas
aos olhos de um homem
abandonado,
o após o grito no píer,
silêncio.

infância

Ângulo inferior direito da tela: um gato.
As coisas algo diluídas pelo luar
arremetem contra o sono.

Os olhos resvalam para o plano central:
as figuras compactadas pelas sombras
parecem discutir
ou talvez se vaporizem entre dissabores.

A mesa, de uma irregular geometria,
suplicia o espaço como uma interrogação.

O escuro
borra as adjacências violentamente.

Então, no ângulo superior esquerdo:
uma janela.
No entanto, alta em demasia.
Luz ofega entre os vidros.

aguaceiro

Cansaço físico de a chuva mar vertical
tamborilar nas telhas que tudo são ilhas
eu ancorado no gorgolejar das calhas
a alma como aquele cão a cortar a rua

Os vidros suarentos são livros de mágoas
As finas torres são estrelas dissolvidas
Olho a cidade torta a espelhar nas poças
a velha porfia do homem contra o nada

As águas pardas ferem vãs arquiteturas
em plicplacs contínuos borram traços e linhas
– sou um devaneio sob outros devaneios –

e de repente sem aviso o tempo estia
e a cidade se refaz em loucura e som
Realidade sem peso – sobe a lua

verão submerso

O índigo tolda anseios
orvalha
sempre lá
chispas
de branco-azulado
uma lua emagrece
ao longo da lagoa
pastor
de nuvens
o vento
menino
soltando pipas
tropeça em longas notas musicais
agora o vermelho
sinal de trânsito fechado
uns adolescentes
correm por ali
parece que fizeram
algo de
errado
o que ficamos sem saber
do céu
se esconde por detrás
daquela macieira

a mulher

Lembro-me a mulher era Estava Corria um rio
de ali meu flanco esquerdo Confinava toda a luz
A mulher de uns cômodos tristes triste olhava
Parecia emergir de outro mundo Portas abertas

Lembro de uns raios A mulher ria moleza de rio
Era cúmplice da pedra o seu nunca abraço Ia Fazia
Vazava tinta roxa Logo adiante ditava a tempestade
No entanto imóvel no meio-fio acetinava o sonho

Em seus pensamentos a mulher menção de abismo
sozinha em seu grande círculo a dissimetria urdia
Intátil aveludava a pedra somente seu gesto baldio

Árvore de elipses a mulher estilhaçada sob o sol
Lembro-me a mulher o seu sombreado furiosamente
Um céu furiosamente um imenso piano sua falta

CéuVa
Maceió

Céu Felipe Dantas Câmara (CéuVa) é travesti alagoano, estudante da licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas, poeta, pesquisadora, crítica, cineclubista, realizadora audiovisual, curadora e multiartista. Integrante do Cineclubes Cinema da Parte Alta desde de 2022, no qual vem realizando um trabalho itinerante de pensar territorialidade, cultura e sociabilidade a partir do cinema alagoano descentralizando a cultura e trazendo para os bairros da parte alta de Maceió. Membro-fundadora do Zumbido Coletivo, que desde de 2024 se lança na reflexão sobre o fazer cinema em Alagoas, refletindo para além dos processos sobre as potências clássicas, emergentes e insurgentes, porém que se estende a pensar também fazeres culturais dada a multiplicidade de artistas que compõem o coletivo. Lançou seu primeiro em 2024, *Mesmo rompida quero como nunca quis ser travesti* pela Demônia Editora.

assentar é lapidar amores outrora

seda pele doce lambe meu peito
enquanto me pego a andar em círculos pupila
dentro em deserto derreto terras

ouço gritos

SOMOS NÓS ENTÃO DESTINADAS A MENDIGAR AMOR TORTO TRÁFEGO
NADA SOBRA ENTRE AS MOÇAS DA FLORESTA PEDRA SEM COR
AS CORES NÃO ESTÃO MANSAS
AGUARDO RESPOSTAS NA QUEBRA SALGADA DO MAR
MESMO ROMPIDA QUERO COMO NUNCA QUIS SER TRAVESTI

gritos?

judiar coração em massacre
organizo meus pensamentos sentido deuse a cada caco
escrever é rasgar a teia do certo

roubados olhos de raio lazer

quero desmanchar a teias que legislam
torná-las mar
reconstruir o sal a partir de moléculas rebeldes
reinventar o comum
vestir de brega as armaduras do barro
confabular rebeliões sinfônicas

MONAS OUÇAM-ME COM ATENÇÃO NÃO SOMOS VACAS MAGRAS
ENCONTREM O PODER O PODER O PODER DAS DEUSAS EM SI EXISTAM E
MANDEM DECRETEM ANUNCIEM DESFILEM ACHEM OS OLHOS E TOMEM
SEUS LUGARES É TEMPO DE SE COROAR AFINAL O QUE PODE UM CORPO?
TUDO PODE EM CORPA REDIJAM CONSTRUAM REMAPEEM A DISSIDÊNCIA
E GRITEM GRITEM GRITEM GRITEM GRITEM GRITEM GRITEM NÃO
ESTAMOS SOZINHAS PESQUISEM ORQUESTREM DEPRAVEM CANTEM E
ECOEM ECOEM ECOEM

encontrei cacos espalhados
os espelhos na travesti repelem reflexos mundanos
personifico o verbo ser
instrumentalizar corpa e abrir caminhos
personificar caminhos indistinguíveis e dotados de transafetos
adoçar a água com sal
reprogramar as células da vida
danço em memória
sob a varanda da minha casa
deyse
fez chover

a travesti é um fenômeno que nos fascina

trago registros conscientes de corpos ancestrais
o sangue que corre em minhas veias queima sal
minhas corpos forjadas na terra são feitas de água
profetisas
para que as flores desabrochem à luz do dia
do meu sangue sal nasceram milhões
não seremos mais queimadas
livres

livres livres

livres

e caminharemos juntas sob o manto dela
fazendo da cisgeneridade sargaço sob os pés da mãe
reivindicamos o nosso lugar nesta terra
em abundância inundamos as mentes
ecoando vozes transcestrais

PORQUE A TRAVESTI É UM FENÔMENO QUE NOS FASCINA

fascínio

fascina

fascínio

livres

derrubaremos prédios e plantaremos à navalha nossa existência em futuro
descolonizando muros de ignorância
façamos chover ácido nas cadeias da mente
para essa mensagem correr o tempo em memória

estilhaço

na fina linha da arte
moram as noturnas corpas de amor
encontrar as palavras é
antes
evocar ancestrais na morada da pele
a vibrar
 (a vibrar)
a vibrar
 (a vibrar)
a vibrar
 (a vibrar)
em nossas leais
 armaduras de carne
onde a brasa toca o ar
inflama a fúria feito travesti
entornando na gira mulheridades noutras
artefatos de sangue colorem as águas
e anunciam o canto das sereias
convocando juntas o exército do mar

thamansa

Maceió

Thamansa é uma travesti negra multiartista alagoana que iniciou sua trajetória no curso de Artes Dramáticas da Escola Técnica de Artes (ETA/UFAL) em 2022. Atua como modelo, atriz, poetisa, performer, cantora, compositora, artista visual, produtora cultural, cerimonialista e pesquisadora. No audiovisual, protagonizou os filmes *Ainda Escuto o Céu em Baixo d'Água* (2024) e *Ritual* (2023), além de dirigir e roteirizar a curta experimental *Mãe* (2023). Thamansa participa da cena cinematográfica trans, na coprodução do Ateliê Xicas do Cinema (2024) e como preparadora de elenco e assistente de direção no filme *Credo, que Dlç* (2024) no II Ateliê Xica Manicongo de Cinema (2024). Atualmente, investiga a potência da voz como integrante do projeto de pesquisa "Vozes Trans", explorando novas possibilidades vocais para pessoas trans e travestis. Sua trajetória reflete um compromisso com a experimentação artística e a afirmação das identidades dissidentes por meio da arte.

travada

Tra va da
Travesti
Vadia
Da rua
Travada aqui, travada ali, travada em qualquer lugar sob a luz da lua

Sob a luz da lua lá vai ela

Você vê ela?
Aposto que não
Porque ela é invisível e sem muita condição

Condição
Condição
Condição

A travesti quando nasceu ganha 3 condições

A fome
O gozo
E a prostituição

Os 3 atrelados
A realidade do traveco
Me diz aí se tu conhece alguma de perto
Não conhece porque ela é cessada

Caçada

E queimada

Queimada e desejada

Porque o mesmo país que mais consome a pornografia T é a mesma que mais mata a travesti
É o teu pai, teu tio, teu irmão
Mas na rua quando vê

“Olha lá o viadão”

Vocês têm sorte
Sorte que a gente quer respeito e não vingança

Thamansa?
Não tô não
Minha mãe Iansã me ensinou a ser tempestade e atacar igual búfalo
Não vou ser mais passiva e pacífica

E deixar ser queimada
A Idade Média passou mas a caça às bruxas não
Continuam colocando na praça pendurado o meu coração

KELLY DA SILVA

Eu grito por ti
Sua vida foi levada num carro de mão

Com a travesti é assim
Sem um pingo de compaixão
O sangue que jorrou pelo caminho que foi arrastada
É o sangue que jorra

Jorra como Jesus

Em cima de uma cruz
Na sexta-feira da Paixão
Minhas palavras são cruas
Cruas mesmo
Cruas
Cruas como um coração arrancado
Cruas

As velhas terão sonhos
E a jovens terão visões

Vamos continuar nascendo
Vamos continuar morrendo
Mas nunca vamos morrer
EU NÃO VOU MORRER

gravitacional

Me fiz grave quando entendi as possibilidades
Possibilidades
Ou passabilidades?
Eu prefiro as gravitalidades
Voz gravitacional
Que transcende
E vai além do seu saber
Saber do que?
Soar o que?
Soa travestilidades
Vibro
Vibro com o peito
Vibro multiplicidades
Vibro como uma víbora
Vibro para as víboras
Que sucumbem ao meu vibrar
Poesia TRANSVITACIONAL
Que só quem vibra ouve
Ouve pro além
Ouve pro que tem
Ouve pra mim e a todas que gritam
Travesti com voz peitoral
Tire das minhas costas o peso das suas expectativas
Tire da sua mente a imagem que é mentida
Eu não sou só um grave
Eu não sou só um pinto
Eu sou travesti que cura o ferido
Que sara a sua terra
Que pisa o seu chão
Que traça o caminho
E que busca oração
Arroboboi Oxumaré
Me colori de esperança
E me guia nas mudanças
Encerra os ciclos
Traçados pra travesti
Liberta de mim
O peso de sucumbir
Me faz cor
Onde existir escuridão
Sussurra no meu ouvido
Vai de pé e com feição
Arroboboi Oxumaré
Arroboboi Oxumaré
Três meses vira homem
Três meses vira mulher

solta no campo

Minha cor é verde

E eu percebi quando estava sentada no meio de um campo abandonado
Tinha um cavalo na borda do campo
E na outra borda o mato tava alto
E eu pensei

Corre

Corre nos matos
Corre pra vida
Ao lado do cavalo branco
Ali começa a partida
A partida pra uma vida
Que poucos têm coragem
A partida pra uma vida com o toque na travestilidade

me chamem de feroz

Coragem mesmo é ver a vida com um pingo de verdade
Coragem mesmo é verdade com um pouco de simplicidade
A vida pra mim transborda
Borda pinta e marca

Com o poder da paixão
E o poder que eu carrego
Tudo nessa terra está sob as minhas mãos

Porque na terra tem mãos
Tem pés
Tem oração

Na terra eu consigo dominar o coração
O coração que pulsa
E liga tudo ao meu redor
O vento que assombra
E extingue o meu pior

No campo verde eu corri
Corri o suficiente pra gritar

EU SOU TRAVESTI



bania

dejanira rainha

Salvador

Dejanira Rainha Santos Melo, mulher negra nascida em Periperi, bairro do subúrbio de Salvador. Filha de um homem negro retinto que era carpinteiro, marceneiro e estofador: Aginaldo Alves de Melo, e de uma mulher considerada branca em Salvador, dona de casa: Celeste Rainha Santos Melo. Estudou em escola pública durante toda a vida e cursou a universidade pública. Formada em Letras Vernáculas e em Pedagogia na UFBA, entrou para o serviço público na rede municipal de ensino de Salvador em 2000, mas exerce a profissão de professora das séries iniciais do Ensino Fundamental I desde 1994. Sempre trabalhando no subúrbio. Faz poemas desde muito jovem, mas só em 2024 lançou os primeiros livros: *Tempo de escola*, livro infantil editado pela Ciranda na Escola; *Onírica*, livro de poemas editado pela Caravana Grupo Editorial; e *Este cabelo é meu*, pela editora Adonis. É idealizadora e gestora da Biblioteca Social Afro-indígena Meninas do Subúrbio, que está situada em Alto de Coutos, subúrbio ferroviário de Salvador. A biblioteca, que funciona com o apoio de colaboradores e colaboradoras que acreditam no trabalho, é um projeto social sem fins lucrativos que tem como objetivo ser uma ação cultural e educativa antirracista e antimachista, trabalhando à serviço das mulheres e crianças da região de Alto de Coutos.

onírica⁴

Estou por um fio
No frio da tarde
No fio da alma
A vida cambaleia
Não sabe e não sobe
No fio tristeza exata
Mas de esperança é feita
A sapatilha da bailarina
Lúcida e negra passeia
Ora infeliz, ora alegre
Ora sabe, ora esquece
De onde se encontra
Observa de perto as estrelas
Que ora fingem cair
Ora permanecem
Imita-as portanto.

⁴ Poema originalmente publicado no livro *Onírica* (Caravana Editorial, 2024).

Já é!⁵

E só de sentir
Já sinto que vale a pena
O toque pensado
O beijo esperado
Mobiliza a libido nossa de cada dia
Não esqueço a cena
O grito não ouvido
Os ais não reprimidos
Que brincam na minha memória
Sua cara de susto
Seu soluço imaginado
Ao transpor as coisas escondidas em mim
As partes não ditas
As doutrinas não escritas
Esse trocadilho que mistura filosofia
Música e poesia
Tudo isso sonhado junto
Já é todo prazer da vida
E que venha o que vier
Ambas somos mulheres de palavra
A língua só não vai
Onde o céu não alcança
Por isso a nossa esperança
Dança na letra surda do que a vida dita
Porque se sonhando somos assim
É fogo certo e fim do mundo
Esse encontro.

⁵ Poema originalmente publicado no livro *Onírica* (Caravana Editorial, 2024).

tome poesia⁶

Me desiludi
Me afoguei de mágoa
Me aborreci
Fui explorada
Não vou ficar calada
Tome poesia.

Fui levada ao céu
Me deste um anel
Gozastes de mim
Eu gozei de ti
Não vou me retrair
Tome poesia.

Me faltou a grana
O duro capital
Minha conta anda mal
Estou sem eira nem beira
Deixe de besteira
Tome poesia.

O céu está azul
Deu aquela saudade
Você está bem longe
Meu coração apertado
Não fica calado
Tome poesia.

Estou na Bahia
Em São Salvador
É verão de imagens
Povo sedutor
Você me conquistou
Já me apaixonei
Vou bancar nenhum rei
Tome poesia.

Se a preta me chega
Cheia de denguinho
Eu tava sozinha
Com a mente vazia
Ela me invadiu
Vou guardar para mim
Coisas de existir

⁶ Poema originalmente publicado no livro *Onírica* (Caravana Editorial, 2024).

Tome poesia.

E pensas que acaba
Tudo por aqui
Tem muito mais por vir
Já ando armada
Nada mais me cala
Se me deixam ou amam
Se me esquecem ou chamam
Minha língua responde
Essa língua vadia
Tome poesia.

lucas de matos

Salvador

Lucas de Matos Santos é comunicador e escritor da cidade de Salvador. Atua na área da poesia escrita e falada desde 2015. É autor de *Preto Ozado* (2022) e *Antes que o mar silencie* (2024), livros de poesias lançados pelo selo Principis da Editora Ciranda Cultural, e tem circulado pelo Brasil em lançamentos e atividades de arte e educação com foco na difusão de cultura e literatura. Integrou o circuito Sesc Arte da Palavra em 2024, se apresentando para centenas de pessoas em cinco estados brasileiros.

guinada ao nada

O progresso
do qual muitos falam
a mim me parece
algo falho
— uma guinada ao nada

Nefanda nêspira
a apodrecer na sala de jantar
dos bajuladores

O caroço seco e chupado
por esses senhores
vai diretamente pros pratos
dos seus modernos
capitães-do-mato

Porque vem a promessa
apetitosa e rutilante
de terem os seus direitos básicos saciados
e mais alguns trocados a faturar

Qual valor tem a pedra bruta
pra quem sonha bamburrar?
Que adianta a mata pura
se matá-la é faturar?

É a troca de muitas faturas
que a segura se dará

Esse equilíbrio trôpego
me leva a divagar
sobre quantos retrocessos
hão de necessitar
certos progressos

Cálculo incerto, complexo
Carecem dados para mensurar
tamanho estrago à céu aberto

hereditariedade ancestral⁷

Tá no meu DNA
aquilo que se pode constatar
e aquilo que só se pode sentir
pois pertence à categoria
do rijo longevo
que sustenta o meu existir

Não se é permitido assistir
a olho nu de sensibilidade
Mas quando ando
quando movo
quando falo
sou plenamente amparado
pela ancestral hereditariedade

Minha língua vibra
por outras mil
vontade imperativa
de rasgar mordanças
desmontar farsas
cantar e sorrir

Sorvo na fonte primeva
esse secreto elixir
razão pela qual
não apenas sobrevivo
mas sigo forte, pleno
e volto, de toda queda,
redivivo

Descendo dos que tiveram
o exponencial equilíbrio
de esquadrihar paraísos
na vida semiárida
Onde a linhagem foi criada
a cada momento de amor
Até chegar à semente
da árvore copada, resiliente
que hoje eu sou

⁷ Poema originalmente publicado no livro *Antes que o mar silencie* (Editora Ciranda Cultural, 2024).

fome de arte⁸

Uma vida sem arte é uma vida esquisita
sem questionamento, esqualida, insípida
Extraviada de sonho, de vontade arrefecida
Esquecida da alegria, mórbida, ressentida

Uma vida sem arte é uma vida despida
de possibilidade de inventar outra saída
É puramente lógica e por isso é pífia
Fica sórdida, crua, nula, embrutecida

Uma vida sem a arte é uma vida vidinha
com andar cabisbaixo, vida tadinha
Das agendas cheias, agendas vazias
de mesmice e vergonha, de falta de ousadia

Uma vida sem arte é uma vida que míngua
Uma vida sem arte é uma vida sem vida

⁸ Poema originalmente publicado no livro *Preto Ozado* (Editora Ciranda Cultural, 2022).



ceará

augusto everton

Fortaleza

Augusto Everton da Rocha Balbino é cearense apaixonado por literatura. Gosta do som suave das vozes que lê, do pouso do pensamento em folhas brancas. É colunista dos mistérios que chegam e dos enredos que saem. Pesquisa sobre o caminho das palavras, sobre cantigas, sobre ternuras. É fascinado pelas e faz aquarelas nas horas vagas, assim como cria no papel poemas para feitos para presentear.

1.

não importa
o quanto dure
quando seja
é maravilhoso
todas as manhãs
monto em pássaros
para encontrar
a virgindade do dia

2. tamarindeiro

embaixo de tua copa
me desfolhei
nu, toquei com intimidade o céu
à medida que esticava os dedos no ar
me incendiei em fogueira
ouvimos o crepitar do peito
sentimos um calor calado
às margens do rio em silêncio
o vento nos trouxe os perfumes da terra
olhamos o sol desaparecer lentamente
eternizamos aquele instante frágil
sabendo que o amor era possível
foi quando roguei:
me leva e para sempre serei teu
o sol já quase batendo a porta
se virou
e mesmo ouvido minha súplica
nada respondeu

3.

Quando a boca cala, quando os lábios se encontram e se unem, quando os olhos abertos deixam de ver a matéria sólida à sua frente e você se entrega ao arfar do peito, ao ar que entra e sai do seu corpo soando um cântico quase mudo, respiramos suavemente como se afundássemos num silêncio esfumaçado, como um incenso que queima submergindo uma maciez volátil e linear, como se apurasse alguma manobra prestes a aparecer, ondulando silhuetas, dobras de ar circulares, dorsos de um animal gasoso, quase uma serpente com asas pretas flutuando, dando voltas e voltas e mais voltas pelo sítio terroso e herbal do terreiro – o sossego afina a alma, prepara a alma, o silêncio faz o preâmbulo para o encontro, assim como uma corda de arpa precisa de regulação em breve mãos invisíveis tocará a melodia mentolada das folhas em meu corpo, sons salinos de pedras que rolarão pelo arrastar de águas de todos os rios, o lodo esverdeado das cascas escuras e dos troncos estirados pela grama silvestre, como se antecedessem o momento da precipitação, receber o som verde é como uma chuva que batiza o corpo levando agruras – todo o ritual ocorre num terreiro interno, no peito, onde o teto protege os troncos das canas verdes que vergam o corpo na força dos ventos, o doce da baunilha cheirosa, o toque do couro macio no chapéu, a resina da vela queimada, o âmbar da madeira esculpida formando figuras campestres e negras, indissolúveis, perenes; no terreiro eu termino as horas de um tempo de labuta como se tivesse terminando uma labor cansado e antigo; a melhor maneira de aceitar o sossego é sentir a calma, eu me entrego nesse instante, me entrego rendida, não há armas, não há lanças, não há palavras, não há fogueira, estampidos, balas, garras, mordidas, não há; mas há pés descalços, há palmas das mãos abertas, braços erguidos, paços dados como uma dança alegre, há poeira da terra erguendo pedregulhos, há vozes entoando música; descobri essa virtude rara há pouco tempo, essa de silenciar, essa de permitir, essa de me entregar, há pouco tempo conheci sobre a paixão diáfana que em mim dormia, antes eu sonhava com figuras indígenas nas cachoeiras, mas não os via assim como vejo as pessoas ao redor, porque nos sonhos tudo é um pouco turvo, mas sabia que eram personas encantadas e por seus movimentos cândidos, cintilantes eles me deslumbravam a cada toque de suavidade, a cada cheiro de água corrente, a cada mergulho em líquido transparente – eu senti seu amor exalado da pegada na terra molhada por onde corriam, eu sentia no coração o unguento das ervas, em outros períodos eu despertava de madrugada com cheiro de fumo, um tabaco almiscarado exalados dos nós dos meus dedos, eu não entendia como os lençóis cheiravam a lavanda, a folhas de limão esmagadas, a pétalas de flores silvestres; já durante o dia eu era surpreendida, de repente ouvia o som de mata andado na faixa de pedestre, um canto forte de pássaro rompia o som de buzinas em pleno centro urbano com o sinal verde até que houve logo após tantas indagações o encontro ancestral e eu me olhando no espelho de um céu azul senti saudade, uma saudade antiga, um vento forte soprou uma canela laureada de rosas em meu nariz, era um momento alegre, como se uma cânfora de leite perfumado se derramasse em mim em pleno sol, corpo e olho secos, para depois molhada e límpida eu seguisse minha jornada diária; foi nesse encontro do silêncio que eu emergi no mundo ampliada e mesmo que eles tenham rasgado minhas vestes outro dia, a incomplacência deles sobre mim não teve importância alguma; aconteceu semana passada, eu estava de branco indo calmamente pela rua para mais uma reunião quando mãos múltiplas surgiram de repente e arrancaram de mim o tecido que me cobria, oito mãos cravaram unhas afiadas na roupa e puxaram com força hercúlea, rápidos, naquele instante de fogo escutei um grito, dois, três, vários gritos de uma só vez, algo como: “Jesus te ama, irmã” eu caí na terra com os

empurrões e puxões, queriam furtar minha paz, fiquei atordoada, tentei entender, enquanto olhava ao redor, encolhida, confusa, no chão os pedaços da roupa nodoavam da terra e dos pés que pisavam o tecido maculado no chão agora quase completamente marrom, foi quando vi uma certa beleza em sua cor matizada de tons terrosos; ao redor um livro de capa escura fora aberto, palavras como salvação, arrependimento, paraíso, céu, inferno, fogo e enxofre eram proferidas, havia em cada tom de voz uma sentença dantesca, eu estava abismada, eu não sucumbi ao ser octógono que jurava um céu onde um deus me esperava ... oh Deus, o amor e essa vontade de abraçar; oh Deus, o amor e essa incompreensão da força que impulsiona; oh Deus, o que tu dizes me vendo nua? me vendo invadida? revoltada? vendo esse abraço carregado de ruído estridente? de aspereza? de loucura? oh Deus, eu percebo apenas enquanto me levantava o quanto sou agradecida, pessoas apareceram, me ajudaram, o ser octógono que antes dançava sobre mim correu assustado carregando consigo seu amor que rasga por fora e por dentro e eu olhando o céu naquele dia soube o quanto era belo o pôr do sol, sim já era fim de tarde, de repente as cores ficaram mais vivas, eu fiquei mais viva, o que era para me derrotar me deu ainda mais sensibilidade para pisar forte os pés no chão, eu fiquei da minha maneira inteiramente bela admirando o mundo da criação, porque me rendi ao encanto do sol, ao giro dos astros, a primeira luz da primeira estrela que surgia, ao doce aroma da noite que vinha e nesse espaço gigantesco e abaunilhado aparecia uma lua nua também no horizonte volúvel, bem nesse espaço onde a gente se cruzou, bem nessa encruzilhada onde senti cheiros e tu sentiu os meus, onde acendi velas, onde rezei a graça das horas, bem ali eu descubro que uma parte da minha vida se prendeu à tua, descubro que nesse instante tão curto de tempo que eu te pertence e tu me pertence.

stélio torquato
Fortaleza

O professor, escritor e pesquisador Stélio Torquato Lima nasceu em Fortaleza, em 8 de outubro de 1966. É doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde também coordena o Grupo de Estudos Cordelista Arievaldo Viana (Gecav). Como pesquisador, organizou, com outros colegas, as obras *No desfolhar dos folhetos: escritos sobre cordel* (Unifap, 2021) e *Literatura popular: memórias e resistências* (Imprece, 2022). Em parceria com o pesquisador e escritor Arievaldo Viana, publicou *Santaninha: um poeta popular na capital do Império* (Editora IMEPH, 2017). Entre os mais de quinhentos cordéis que publicou, incluem-se as adaptações dos livros *A Divina Comédia*, *Dom Quixote*, *Guerra e paz*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Macunaíma*. É também autor dos livros de contos *Infâncias íntimas* (edição do autor, 2016) e *Espectrais* (Clube de autores, 2023).

amigos de papel e tinta (ou viagem em torno de minha biblioteca)

Enquanto segue Quixote
A desafiar moinhos,
Por medievais caminhos,
Vai o bravo Lancelote.
Nesse momento, num bote,
Vejo Huckleberry Finn
Fugindo com o negro Jim
Pelo rio Mississipi,
E o impagável Rip
Dormindo um sono sem fim...

Eu contemplo a desventura
De Lúcio, virado em burro,
E acompanho Dom Casmurro,
Imerso em sua amargura.
Kurtz, em sua loucura,
Diz: – O horror, o horror...
Jekyll, pacato doutor,
Torna-se ser desumano.
Gatsby elabora um plano
Pra reaver seu amor...

Um cavalo de madeira
É a troiana perdição.
Hamlet e uma questão
Dirigida a u'a caveira.
Crusoé e Sexta-Feira,
A viagem que fez Dante,
Gulliver, ora gigante,
Ora um ser bem pequenino.
O corcunda, junto ao sino,
Vendo a cigana elegante.

O astuto Macunaíma,
Doroty e o falso mago,
O pescador Santiago,
Camões e sua obra-prima.
Meu pé de laranja lima,
A fonte da juventude,
Os fantasmas de Scrooge,
Peri salvando Ceci,
E madame Bovary,
Que sonha e se desilude.

Gilliatt se afogando,
Arthur se tornando rei,
Retrato de Dorian Gray,
Lampião e o seu bando,
O cangaceiro chegando
Junto aos umbrais do inferno,
O Padim no lar eterno,
O soldadinho de chumbo,
O elefantinho Dumbo,
Kindzu e seu caderno.

Tanto amor, tanta paixão
Que um triste fim conheceu:
Julieta com Romeu,
Isolda e o nobre Tristão,
Também Teresa e Simão,
Iracema com Martim,
Riobaldo e Diadorim,
Heathcliff e Catarina,
O soldado e a bailarina,
Aos quais o fogo deu fim.

Cada astuto amarelinho
(Cancão, Grilo, Malazarte...),
Doutor Simão Bacamarte,
As caçadas de Pedrinho,
O sábio príncipezinho,
O País das Maravilhas,
Chiquinho deixando as ilhas,
Acab, com a perna manca,
Atrás da baleia branca
Nas oceânicas trilhas.

No mar de min'a biblioteca,
Deixo o porto, outra vez zarpo,
Contemplando Policarpo,
Além de Emília, a boneca.
Vejo as bruxas da charneca
Que Macbeth encontrou.
Cada herói que nos legou
Júlio Verne, autor francês.
D. Pedro e a sua Inês,
Que o pai dele não poupou.

Na Bíblia, os heróis da fé:
Davi, Josué, Elias,
Eliseu, Jó, Neemias
E o puríssimo José.

A arca que fez Noé,
Como lhe ordenara Deus.
Marcos, Lucas, João, Mateus,
As epístolas de Paulo,
O qual, quando era Saulo,
Era um dos fariseus.

O auto da Compadecida,
A obra de Gil Vicente,
Fabiano e sua gente,
Doutor Fausto e Margarida,
Berro d'Água (morte e vida),
E os capitães da areia.
O outro pé da sereia,
A brava Luzia-Homem,
Coronel e o Lobisomem,
E Macondo, estranha aldeia.

Esses e outros amigos
Fazem a vida mais leve
(Arte longa, vida breve,
No bom dizer dos antigos).
Deuses, mortais, reis, mendigos,
Gente comum ou nem tanto,
A qual traz bastante encanto
À vida de quem os lê,
Entre os quais está você,
Que me segue, em seu recanto.

émerson cardoso

Juazeiro do Norte

Cícero Émerson do Nascimento Cardoso é doutor em Letras – Tradição e Modernidade, com concentração em Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); mestre em Letras – Literatura e Cultura, com concentração em Literatura Comparada, pela UFPB; especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana de Língua Portuguesa, pela Universidade Regional do Cariri (URCA); graduado em Letras, pela URCA; professor da rede pública de ensino do estado do Ceará; supervisor do Pibid de Língua Portuguesa da (URCA) e assistente do projeto de pesquisa “Teorias da narrativa do século XX”, do grupo de estudos do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB. Em 2024, venceu o I Prêmio Literário Demócrito Rocha, na categoria de poesia, com a obra *Romanceiro do Norte Juazeiro* (Virtual Books), e foi finalista do V Prêmio Caio Fernando Abreu de Literatura, com o romance *Pôr do sol em vão de aquário*. Além de ter textos em prosa e poesia em diversas antologias e revistas, publicou as obras literárias: *Breve estudo sobre corações endurecidos* (2011), *Romanceiro do Norte Juazeiro* (2014), *A revolta de Antonina* (2015), *O casarão sem janelas* (2018), *O baile das assimetrias* (2021/2022), *Jornadas* (2023) e *Quatro – coletânea de poemas* (2024). Organizou o livro *Juazeiro tem artistas, Juazeiro tem poesia – manifesto poético* (2024). É um dos organizadores dos livros: *Antologia poética – escritores do Cariri* (2019), *Poemates Rosarvm* (2019), *Linguística Literatura: inter-relações – Volumes I e II* (2019), *Linguística, literatura e educação: teorias, práticas e ensino – Volumes I e II*, *Linguística e literatura em foco: produções acadêmicas* (2020), *Estudos clássicos e filológicos: línguas, literaturas e gramáticas antigas* (2023) e *Análises críticas em linguística e literatura* (2023).

moedas para caronte

Encostou-se na poltrona em viagem só de ida.

Ainda escutava a voz do professor de violino com sussurros e lições musicais em seu ouvido. O transporte corria livre das gritarias de sua mãe que o queria longe. Sobreviveria morando na casa do velho avô que não via há séculos?

Estômago aos embrulhos. O violino nas mãos. Abriu a janela. Entre solavancos, voltou-lhe a imagem do professor a quem ofereceu amor intenso. Ele, com olhos de mármore, era indiferente aos arroubos de afeto que o pupilo confessava sobre os telhados.

O coração, arruinado, dançou no compasso do transporte em movimento. Fim do percurso. Queria anéis de fumaça. Onde encontraria a erva naquele fim de mundo? Exaustão da viagem. O violino ao lado. Na bagagem, ausência.

O avô irrompeu na plataforma de embarque. O neto, com mochila nas costas, desceu letárgico. Cabelos cobrindo os olhos. O violino na mão esquerda. Silêncio viscoso na boca.

Após cumprimentos automatizados, o avô pegou a mochila do neto e fez ar de riso. Querem ver você pelas costas, hein! O jeito de olhar do professor e a mesma voz rouca – constatou.

Era libertador ficar longe dos julgamentos da mãe e do mundo. Poderia confidenciar ao avô que infernizou a vida do professor por não saber amar de outro modo?

O professor foi perseguido por meses. Perdeu o emprego. Ganhou má fama. Perdeu a esposa e os dois filhos. Fez Boletim de Ocorrência. Conseguiu ordem de restrição. Alcoolizou-se. Tentou morrer, mas...

Quem desperta o amor merece goles de culpa! Tudo é permitido no amor – até ver o amante doer por um amado que usa máscara de santo empedernido?

O avô lhe cobriu de perguntas. Está com fome? Está cansado? Ainda está com raiva de ter sido desovado, aqui, neste fim de mundo? Um estranho fingindo intimidade.

Entraram no velho carro. Chegaram trinta minutos depois à fazenda em que o avô morava. Ele, quando jovem, não tinha fama de cafajeste? Aquele jeito de olhar e aquela voz rouca...

Casa imensa e rústica. Móveis deformados pelo tempo. Paredes brancas com retratos amarelados. O avô mostrou-lhe o quarto. Era asseado demais. Tinha poucos móveis: cama, cômoda e cadeira.

À noite, por insistência, juntou-se ao avô no alpendre. Perguntou como ele conseguia ficar sozinho naquele descampado.

Eu sou um solitário por vocação! Desde que fiquei viúvo, achei que o melhor seria ficar sozinho... Gostou daqui?

Quero um baseado – somente isso!

Quando sua mãe disse que você viria, eu fiquei me perguntando se ela conseguiria forçar você a vir, aí me aparece esse rapaz obediente – não acreditei! Se fosse ela, aí você ia ver: aquela ingrata não obedece a ninguém! Sabia que ela não falava comigo há quinze anos? Foi só precisar de mim que ligou. É uma cobra – igual à mãe dela! Quem aos seus nasce, não degenera, hein! Você tem dezoito anos, não é? É hora de sair do rabo da saia de sua mãe e seguir seu rumo... Já tem namorada? Deveria cortar esse cabelo de... Quem sabe assim você não encontra uma moça disposta a dar uma trepadinha! Você já trepou na vida? Com essa cara de moçoila prendada e virgem, duvido, viu?

O neto não estava com paciência para perguntas estúpidas e divagações de um velho canalha. O avô ficou falando sozinho.

Três dias (de tentativas inúteis de aproximação) se passaram.

Durante o dia, empregadas deslizavam pelos cômodos da casa. O avô, após supervisionar os empregados no trato da fazenda, deitava-se na rede do alpendre, ao som de um rádio escandaloso, enquanto o neto o ouvia do quarto. Evitá-lo era sua estratégia de guerra. Velho filho da puta! Quero distância desse sacana! Ele tem o jeito de olhar do professor... A mesma voz rouca e...

À noite, o avô queria vê-lo tocar. Insistiu. Apresentou Schubert. Preferiria música regional, mas você toca bem! Gostei de ver você tocar! Parece que você tem talento! Suas mãos sabem tocar outra coisa além desse violino, hein?

Agora, vem esse velho sujo com a mesma pergunta que ouvi nas aulas de violino e...

O avô puxou a mão esquerda do neto pousando-a no meio de suas pernas. Mais atônito do que indignado, o neto foi para o quarto sem dizer palavra.

Em troca, eu dou o baseado que você quer...

Já no quarto, ele guardou o violino e teve dificuldades para dormir. Sonhou que o professor era Eurídice e ele Orfeu. Desceu ao mundo dos mortos para buscar seu amado, ao som de extasiantes melodias. O amado, porém, olhou para trás e virou pedra. Aos gritos, acordou e...

Árvore obscura, ereta e desgalhada, o velho o observava ao lado da cama.

No início, o neto assustou-se. O avô, em silêncio, tirou do bolso três cigarros de maconha. Atirou-os na cara do neto e sentou-se na cama. Em seguida, procurou o sexo do neto debaixo do lençol. Também tinha vocação para essas buscas? Encontrou, arfante, o que desejava. Passeou a mão nele e atirou-se, violento, com entreabertas voragens.

Após transformar cigarros em cinzas, o rapaz levantou-se, pegou o violino e andou dentro da noite pelas terras do avô. Decidido, descalço e despido, deparou-se com um lago. Com o violino na mão esquerda, pulou em suas águas profundas e obscuras.

Não tenho moedas, Caronte, posso tocar?

E riu nas águas.

ressurreição na chuva⁹

As rãs virão sobre ti, sobre teu povo (Êxodo 8, 4).
(Para ler ao som de “Why worry”, de Art Garfunkel)

Chumbo nas nuvens. Sombras nas árvores. Poeira nos olhos. Dilúvio no mundo.

Um vulto ganhou forma no escuro da praça. Longa barba. Sórdido aspecto. Um saco encardido na mão. O perambular pelas ruas lhe rendeu pouco. Queria descansar. Dormir seria pleno. Em pano fétido, ocultava ferida de purulentas bordas. Era do clã dos mendigos aos milhões. Trazia embrulhado em sua mendicância o desejo de ser outro que não ele. Movia-se pela existência em busca de. O homem-mendigo-fatigado encostou as costas no banco da praça. Suspirou.

Surgiu nas sombras um vulto. Vestido curto. Saltos prateados. Bolsa preta. Seios imensos. Cabelos crespos. Cílios postiços. Maquiagem intensa. Mil acessórios. Unhas vermelho-sangue. Ao sentar, suspirou. Tantas vezes objeto dos homens. Agora, cansada. Se pudesse, não levaria nos ombros a solidão das transgressoras do mundo. A vida é prisão sem trégua. Segurando com força as grades, gritando com veemência, colhia silêncios. Até quando carregaria sua letra escarlate? De tempos em tempos, a voz paterna. O flagrante. O amigo da escola nu sobre ela quando o pai entrou. Balbuciou desculpas. O pai a arrastou pelos cabelos. Pancadas no rosto. Sangue nas costas. Cortes nos braços. Eu não quero aberração em minha casa!, a dor maior. As avenidas podem ser frias. Baixou a cabeça. Cruzou as pernas. Cansada.

Outro vulto, hesitante, procurou um banco. Sentou-se. Longa saia. Óculos espessos. Livro na mão. Gorda. Era assim que a rotulavam. Queria morrer. Queria não voltar para casa. Casa? Ergástulo. Jaula. Cárcere. Enxovia. Gaiola. Cela. Cadeia. Calabouço. Masmorra. Prisão. Túmulo. Sentia-se feia. Detestava olhares alheios. Clarice Lispector nas mãos. O marcador na página d’A fuga. Gorda. Era assim que a acusavam. Dieta? Professora de trinta anos e feia e pobre e gorda e míope poderia encontrar o amor? Dieta? Deus cria os bonitos para que os feios sofram e assim paguem seus pecados de mil vidas? Dieta? O mundo é pancada no rosto. Pronto. Falei. Depressiva. Ansiosa. Angustiada. O que fez para merecer isso? Gorda. Era assim que a puniam. Encostou-se no banco.

Árvores-sombras. Ventos-punhais. Noturnas-gotículas. Bancos de praça brincando de ausências.

O mendigo poderia procurar amparo. Permaneceu. O corpo foi beijando a chuva. Era, na ânsia de limpar-se das sujeiras da vida, um homem em busca. Em busca de quê? Queria livrar-se das calçadas e das ruas? A chuva descia com raios e trovões. De repente, por segundos, nasceu nele a liberdade. O que poderia haver em si de mendicância desceu nas águas. Sem ferida e vermelhidão e pus. Sorriu.

A moça de vestido curto poderia ter fugido da chuva. Poderia cobrir com as mãos o rosto e os cabelos. Poderia pedir um táxi. Poderia? Permaneceu sentada. Ela, tiresiana das avenidas, contrastou o cinza das águas com as cores do esmalte e do batom. Hormônios. Silicones. Perucas. Abriu a boca. Engoliu a chuva. Liberdade. Ainda que por segundos. Se tivesse nascido no corpo “certo”, a olhariam com humanidade? Se tivesse nascido no corpo “certo”, o pai a teria expulsado de casa? Se tivesse nascido no corpo “certo”, poderia escolher caminho menos árduo? Os olhares do pai, dos homens e do

⁹ Originalmente publicado no livro *Breve estudo sobre corações endurecidos* (Ponto de Cultura, 2011).

mundo desceram nas águas. Fodam-se todos! Quem diz o que é certo na minha vida sou eu! Ela que era mulher, sim, por toda eternidade. Mulher, sim, mergulhada em profundas águas de uma chuva que renova a pele. Mulher, desde sempre, em plena vida. Não mais avenidas a percorrer.

A moça que se achava a mais feia e gorda e míope do mundo deixou o livro molhar-se. Colheu a chuva em brancas páginas. As personagens desceram nas águas. Ocorreu-lhe que, se não fosse o dilúvio, estaria deitada, limpa, irreprochável em seu comportamento controlado. A cama seria aconchegante, sim, mas aquela chuva era-lhe um oásis. Olhou-se nas gotículas translúcidas aglomeradas em suas lentes. Em fúria, atirou-as nas águas. Livre. Não ver o mundo a tornava pacificada. Livre. Lecionar sem forças. Ser arrimo de família. Desejar morrer todas as horas de todos os dias. Tudo descia nas águas. Livre. Fênix ressurgida. Havia um livro não escrito à espera de sua história. Poderia se desconstruir? Sim, poderia. O dilúvio retirava seus medos aos pares e ordenava-os em arca que não se reabriria. Agora, posso chorar. Quando há chuva, lágrimas não se envergonham de descer abrindo fendas na desolação do rosto.

Quando cessar o dilúvio, será necessário repovoar o mundo. Todos esperarão um ramo que lhes absolva.

Cílios. Maquiagem. Unhas postiças. Batom. Cabelos. Ela, na penumbra, olhou para o mendigo. Mais um cliente que me quer por pouco dinheiro, mas hoje não sou de ninguém. Olhou para a mulher que estava sentada a certa distância. Aquela, sim, era satisfeita com a vida. Não teve que penar para sobreviver ao caos do mundo. A moça sem óculos viu com dificuldade um corpo de mulher em vestido curto. Com um corpo perfeito, que sofrimentos aquela moça poderia enfrentar? O mendigo olhou para as moças e teve medo de que elas percebessem sua ferida. Era intenso o silêncio que os engolia. Eram íntimos os gritos que os aprisionavam. Tentaram fugir uns dos outros. Talvez não suportassem o fato de que a água da chuva havia exposto demais seus ossos. Tentaram fugir. A chuva aumentou...

Levantaram-se. Tinham vida, apesar do mundo. Tinham vida, embora encharcada. Tinham vida, e era tudo.

Saíram dos bancos ao mesmo tempo. As gotículas da chuva transformaram-se em rãs e sapos que explodiam no chão. Imensos, sangrando, com olhos e bocas abertas, sapos e rãs caíam aos montes. Vísceras expostas. Corpos alquebrados. Coaxavam semimortos.

A tríade marchou enfrentando bilhões de anuros agonizantes na praça. O mendigo apertou o passo intimidado pela moça que se equilibrava no salto e que sentia inveja da moça que tentava andar sem óculos e que pisava nos animais empoçados. A chuva caía incessante. O chão repleto de novos anfíbios.

Depois, cessou a tempestade. As três almas ressurgiram das águas. O sol brincou de sangue nas poças de chuva.

O mundo nunca mais foi o mesmo.



maranhão

josoaldo lima rêgo
São Luís

Josoaldo Lima Rêgo nasceu no Maranhão, em 1979. Poeta e geógrafo, publicou os livros *Paisagens possíveis* (Editora 7Letras, 2010), *Variações do mar* (Editora 7Letras, 2012, finalista do Prêmio Jabuti), *Máquina de filmar* (Editora 7Letras, 2014), *Motim* (plaquete, Editora 7Letras, 2015), *Carça* (Editora 7Letras, 2016, finalista do Prêmio Jabuti), *Sapé* (Editora 7Letras, 2019) e *A menor das tempestades* (Editora 34, 2024). Participou da coletânea *É agora como nunca* (organização de Adriana Calcanhotto, Companhia das Letras, 2017). É professor na Universidade Federal do Maranhão e possui doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo. Vive em São Luís.

nos baixões de altamira¹⁰

em altamira/pa
raimundo nonato decide
matar o tempo:
dança no escuro
e arranca 4 dentes à foice
sem paz
ao som duma turbina
de hidroelétrica

¹⁰ Originalmente publicado no livro *Carça* (Editora 7Letras, 2016).

[revoada]¹¹

alguém falou de pássaros
quando derrubaram a floresta
e depois a volta
sem ninho sem água
ensurdecadora
dos bichos sem chão

¹¹ Originalmente publicado no livro *Carcaça* (Editora 7Letras, 2016).

vitalino¹²

Salvar vidas é esculpir
a casa, o cachorro,
a mão do sertanejo

Uma consciência do tempo
na primeira sessão
de descoberta do barro

¹² Originalmente publicado no livro *A menor das tempestades* (Editora 34, 2024).

maria José

Timon

Maria José Soares Oliveira é maranhense, licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), professora e cordelista. Faz parte de academias e coletivos poéticos. Autora de quatro cordéis infanto-juvenis: *As travessuras de um lobo diferente*; *O casamento do lobo*; *A menina e o galo da madrugada* e *Pincel de Deus*, sua última publicação, em parceria com a Soslai Editora. Publicou também outros títulos, encomendados para homenagear pessoas e instituições. É defensora do Cordel enquanto a autêntica literatura nordestina. Mora na cidade de Timon, no Maranhão, às margens do Rio Parnaíba.

nordeste caleidoscópico

Igual um caleidoscópico,
Nordeste, policromia
Cada estado tem seu jeito,
Beleza e sabedoria
As noites mais estreladas.
Gente que esbanja alegria

Um pedaço do Brasil,
Tal trenzinho encarrilhado
Primeiro, o Maranhão,
Do Piauí separado,
Pelo rio Paraíba
De “Velho monge” chamado.

O Ceará de praias belas,
Do valente jangadeiro
Lar de José de Alencar,
De humoristas, celeiro
O trem prossegue viagem,
Pelo nordeste brasileiro

O Rio Grande do Norte,
Terra das praias de sal
Onde o sol nasce primeiro,
Paraíba, que legal!
Pernambuco aparecendo,
Com seu Galo magistral.

Vem em seguida, Alagoas
Coco de roda ancestral
Sergipe, menor estado,
Tem petróleo natural
Depois a bela Bahia
Itapuã e carnaval.

Lá o Brasil começou,
Conforme história contada
Esqueceram de dizer,
Que a terra já era habitada
Por nativos desta terra,
Por Tupã abençoada

Riquezas, diversidade,
Tem recursos naturais
No Maranhão, os lençóis,
No Piauí, manguezais

No Rio Grande do Norte,
Tem riquezas abissais

Na Paraíba, o Cordel,
Do Pavão misterioso
“Pituzada” em Alagoas
Tem sabor maravilhoso
Sergipe, rico em potássio,
Nutre o sistema nervoso.

Bahia, Porto seguro,
Onde pisou o explorador
Tem rica literatura,
Cada dia, um protetor
Um anjo bom, Santa Dulce,
Soube cuidar com amor.

No Nordeste a natureza
Aprende a se camuflar
Se tem sol, as folhas caem
Pra água economizar
A chuva caindo no chão
Ligeiro vai verdejar

Mandacaru é o símbolo
Da terra, é resistência
Quando ele enflorêce
A água desce em clemência
Matando a sede do povo
Que espera com paciência.

Povo firme, resistente
Acredita em São José
No limiar da esperança
Segue crendo, pois tem fé
Chovendo, a vida muda
E garante o arrasta pé.

Escreveu Euclides da Cunha,
“Que o sertanejo é um forte”
Enfrenta sol e calor
E se der, foge da morte
Divide o pouco que tem
Não renega a própria sorte

Caleidoscópio cultural
Sotaque de todo jeito
Oxe, oxente, marminino

Cantado não é defeito
Seja na seca ou na chuva
Ser nordestino é perfeito.



paraíba

silvinha frança

Guarabira

Severina Luis de França, nascida em 13 de dezembro de 1979, reside em Araçagi, região metropolitana de Guarabira, na Paraíba. Formada em Pedagogia e em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), especialista em Ciências Ambientais pelo Cintep. Como pesquisadora, concentra-se na pré-história da região do agreste paraibano. É servidora pública no município de Cural de Cima. É ativista cultural e reconhecida por ser a fundadora e organizar os movimentos Araçacultura e Cordel das Rosas. Participou de cordéis coletivos e em seus trabalhos individuais em cordel incluem títulos como *A princesa encantada da lagoa do caju*, *Um autista em minha vida*, *Sivuca – O poeta dos sons*, *Celso Furtado – Homenagem ao seu centenário*, *Um cordel para Clarice*, *São João do Passado ao Presente* e *A história de dona Vinte*, além dos títulos *A princesa encantada do Reino de Araçagi* e *O sítio arqueológico Lagoa do Caju*. Contribuiu para diversos livros coletivos, dos quais se destacam *Dicionário Biobibliográfico dos cordelistas contemporâneos*, *Nísia Floresta em versos de cordel*, *Pré-história: uma coletânea de textos didáticos*, *Outra dose de saudade*, *O Brasil entre cordéis*, *Folhetim*, *Antologia do cordel das rosas* e *Antologia da Casa do cordel*. É integrante da Academia Guarabireense de Letras, da academia Artes – Casa Marisa Alverga, e da Academia de Cordel do Vale do Paraíba. Conduziu o programa Focultura pela rádio focolivre.com.br, de Imbituba, Santa Catarina. Foi presidenta da Associação de Arte e Cultura Guarabira (AACG-PB) e é conselheira na editoria *A União* UNIÃO, da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Recentemente adentrou no cenário cinematográfico como roteirista, diretora e atriz com o filme *O mistério da Lagoa do Caju*.

pontuando¹³

Sou a interrogação
Com ponto continuado
Aspas do beijo roubado
Com olhar de exclamação
Reticências falarão
Se a vírgula não suprir
Travessão a permitir
Continuando a jornada
Ponto final da estrada
Do amanhã no porvir.

¹³ Todos os poemas a seguir são trechos de cordéis.

mulher

Homens, não me levem a mal,
Mas eu tenho que dizer,
Sei que não vão entender,
Já que mulher é genial,
Neste mundo desigual,
Somos mais que essenciais,
Na terra, fundamentais
E estamos em atuação,
Rápidas na decisão
Pois a mulher, é d +.

Olhar doce de criança
Com a força de um leão
Por ela a concepção
Que traz ao mundo esperança
Se entra na roda dança
Seja a música que for
Do Jardim, mais bela flor
Tudo inventa ou cria
É a luz do dia a dia
Com seu jeitin sedutor.

Paraíba turmalina
Que causa contemplação
Mesmo errada, tem razão
E aprende, o que ensina
Mulher é mesmo menina
Que sonha, que fantasia
Que mesmo brava irradia
Sua essência de criança
Tem coragem, confiança
Sem ela, morre a alegria.

Mulher que enfrenta a dor
Que é dona do seu nariz
Da vida, a melhor atriz
Protagonista onde for
Que enfrenta frio ou calor
Mulher é mesmo arretada
Não se abate por nada
É mãe, avó e madrinha
Mulher é mesmo rainha
E tem que ser respeitada.

eu me chamo severina

Eu me chamo Severina
Meu sobrenome é França
O Cordel na minha vida
Faz parte desde criança
Com ele aprendi a ler
E hoje eu tento escrever
Pois fiz com ele aliança.

O meu primeiro cordel
Foi da princesa encantada
Hoje narrado em filme
Me deixa realizada
Dois mil e onze o ano
Afirmo sem ter engano
Que dele sou aliada.

Biografias narrei
Para homenagear
Clarice, Celso Furtado
Sivuca pra completar
Waldisia Russio também
E outros temas além
Pude no cordel contar.

A história de Dona Vinte
escrevi com muito amor
E sobre nosso São João
Contei com muito fervor
Uma autista em minha vida
Minha história preferida
Mostra superar sem dor.

Também sobre a saudade
Muito fundo mergulhei
Narrando uma outra lenda
Novamente eu contei
Com A mulher da capa preta
Talvez de outra planeta
No cordel eu encaixei.

Como só via cordel
Sempre por homem escrito
Isso não me conformava
Pensei que fosse delito
Juntei outras corajosas
Formamos CORDEL DAS ROSAS

E hoje fazemos bonito

Nos reunirmos no mês
Março de dois mil e vinte
De vários estados somos
Produzindo com requinte
Já somos mais de cinquenta
Nossa corrente aumenta
Gratidão, leitor e ouvinte.

por isso que eu digo, o xente!

Eu sou cacto do sertão
Espinheiro e resistente
Teimoso e resiliente
E se cai chuva no chão
Lindas flores se abrirão
Cumprindo com meu papel
Tal qual na escrita fiel
Com rima metrificada
Eu sou rosa perfumada
Nesse jardim de Cordel

Digo que sou nordestina
Paraibana arretada
Por Cordel apaixonada
Desde o tempo de menina
Que a leitura me fascina
Quando eu nem sabia ler
Ler cordel foi dever
Debaixo da castanhola
Foi minha primeira escola
E hoje eu tento fazer.

é preciso dizer não!!

A nossa sociedade
Tem muito o que aprender
Valorizar a mulher
É nosso esse dever
Acabar com a tirania
Tratá-las com empatia
Não julgar sem conhecer.

É preciso dar uma basta
Na primeira discussão
Se a mulher fica calada
Sem saber dizer o não
O homem se acostumando
Aos poucos vai maltratando
Até chegar no empurrão.

À sociedade peço
Um pouco mais de empatia
Apoiem mais as mulheres
Contra essa tirania
Da violência que ecoa
E pelo mundo destoa
Com tamanha covardia.

Foi assim que aconteceu
Com a menina Bibi
Muito jovem se casou
E sempre aqui e ali
O marido ameaçava
E ela nunca imaginava
O que faria Davi.

Bibi, menina de garra
Não fugia de labuta
Quando buscava trabalho
Levava nome de “puta”
Triste o choro engolia
Vivia sem alegria
Na sua vida de luta.

Vinha sendo ameaçada
Mas tinha filho pequeno
Vendo o perigo bem perto
Trilhou por outro terreno
Passou um tempo lá fora
E achando que era hora

Volta com olhar sereno

Bibi não imaginava
Em tamanha crueldade
Quando estava em sua casa
Cheia de amor, de bondade
O seu ex a atacou
E a sua vida tirou
De forma vil e covarde.

Julguem menos a mulher
Que tenta separação
Só ela sabe o que passa
Dentro de sua união
Se não puder ajudar
Também evite julgar
Que tal estender-lhe a mão?

Fique longe do perigo
Do ser ameaçador
Pois quem ameaça faz
Faça por si tal favor
Fique sempre o mais distante
Viver é mais importante
Tenha por você amor.

E para você mulher
Peço ter mais atenção
Cuidado com quem se envolve
Nunca aceite agressão
Seja ela a qual for
Você tem muito valor
É preciso dizer não!

tiago monteiro

Pocinhos

Tiago Monteiro Pereira nasceu em Pocinhos, na Paraíba, em 25 de janeiro de 1984. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Em 2019 lançou seu primeiro livro solo, chamado *Sobre amores e saudades*. No mesmo ano teve o cordel *Nos passos do Rei do Ritmo* premiado no “Concurso de Cordel Jackson do Pandeiro: 100 anos do Rei do Ritmo”, promovido pela Universidade Estadual da Paraíba. Lançou seu segundo livro em 2023, *Andanças de matuto*, onde reúne seus principais cordéis. É idealizador da Flipocinhos – Festa Literária de Pocinhos. Participa de vários eventos por todo o Nordeste expondo seus cordéis e declamando seus trabalhos. É formado em Direito e atua na área de ressocialização através das artes.

O ébrio

Vi um ébrio sentado na calçada,
Sua roupa encharcada com seu pranto,
A viola emborcada, assim, num canto
Implorando ao bebum pra ser tocada.
Eram só eles dois e a madrugada
Ilustrando o cenário da cidade,
Perguntei: “Meu senhor, por caridade,
Porque vives, sozinho, nesse estado?”
“Nobre amigo, é que eu fui contaminado
Por um mal conhecido por saudade.

A mulher levou tudo e foi embora,
Só restou ao meu lado essa viola,
Que acompanha a tristeza que me assola,
Quando eu choro, essa amiga também chora.
Bons momentos vividos em outrora
Hoje estão nas gavetas da lembrança.
Perdi casa, família e a esperança
De viver como gente no futuro,
Pois o débito do vício é tão duro,
Todo dia o destino faz cobrança.

Gastei tudo que tinha nos bordéis,
Me entreguei aos prazeres da bebida
E deixei a mulher de minha vida
Pra viver iludido nos motéis.
Ao meu lado as Marias, Isabéis,
Abraçavam, beijavam, davam cheiro,
Inocente, eu pensei ser verdadeiro
Um amor que é comprado com reais,
Na verdade os amores desleais
Só queriam gozar de meu dinheiro.

Só restou, para mim, essa calçada,
Pra viver uma vida sem ter brilho,
Pois depois que a mulher levou meu filho,
Eu não tenho prazer em quase nada.
Busco forças na cana temperada
Pra esquecer as tristezas do passado,
Pois pra um homem que vive abandonado,
A cachaça é uma boa companhia.
E assim vou vivendo dia a dia,
Nesse modo de vida tão errado.”

Depois disso, o tal ébrio, já cansado,
Se enrolou, conseguiu pegar no sono,

Sem querer o deixar no abandono,
Eu deitei na calçada ao seu lado,
Acordei já com o dia clareado
E não vi o tal ébrio ao lado meu
“Mas porque que esse ébrio se escondeu
Mesmo antes do sol aparecer?”
Foi aí que chorei por perceber
Que o tal ébrio da história era eu.

recrucificado

Ao caminhar pelas ruas,
Vendo da noite, a beleza,
Presenciei uma cena
Que trouxe muita tristeza.
Vi um menino deitado
E seu cachorro do lado
Vivendo ali, ao relento.
Senti rolar em meu rosto
A lágrima vil do desgosto
Por tamanho sofrimento.

Me aproximei mais um pouco,
Vi que ele estava acordado,
Pra entender sua história
Sentei ali, ao seu lado,
Fui escutar os seus ais,
Perguntei pelos seu pais,
Ele não quis responder,
Eu insisti um pouquinho...
Ele me disse, baixinho:
“Moço, eu só quero comer.

Há quatro dias não como
E minha fome é visível,
Pra minha grande tristeza,
Sou como um ser invisível.
Uns passam nessa calçada
E eu fico aqui, como um nada
Com minha mão estendida,
Uns olham até com espanto
E quando cai o meu pranto
Pergunto a Deus se isso é vida.

Vejo os meninos brincando
Com seus diversos brinquedos
E o único jogo que jogo
É pra vencer os meus medos.
Não quero roupa bonita,
Nem ter riqueza infinita,
Nem muito menos poder,
Como eu falei ao senhor,
Para findar minha dor,
Hoje eu só quero comer.”

Busquei então a comida,
O alimentei e segui,

Fui no caminho pensando
Nas cenas que vi ali,
Lembrei da dor de Jesus
Ao carregar sua cruz
Pro seu calvário sofrido
Que, pra vergonha da gente,
Volta a sofrer novamente
Numa calçada esquecido.

a chuva e o sertão

Hoje vejo a paisagem esverdeada,
Pois é Deus o pintor que tudo pinta,
Fez da água da chuva sua tinta
Pra deixar nossa terra tão molhada.
A chegada da chuva abençoada
Foi pra nosso lugar a redenção.
Quem botou seu suor na plantação
Este ano terá bom resultado.
Cada gota de chuva tem mudado
O cenário da seca no sertão.

O barreiro de pai tá na sangria,
Mais um palmo e a água sai descendo
E enquanto o barreiro vai enchendo,
Nosso peito se enche de alegria,
Ninguém ouve um lamento ou latomia,
Só se escuta o barulho do trovão,
Pra mostrar que se Deus botar mão
Não terá mais sofrer, nem chão rachado.
Cada gota de chuva tem mudado
O cenário da seca no sertão.

O meu primo que tinha ido embora
Pra fugir dessa seca tão ruim,
Já pegou outro Itapemirim,
Vai chegar por aqui a qualquer hora,
Sertanejo só pensa em viver fora
Quando a seca maldita racha o chão,
Mas se a chuva chegar, a ilusão
De viver lá no sul fica de lado.
Cada gota de chuva tem mudado
O cenário da seca no sertão.

De uma rede eu contemplo a natureza
Vendo a lama escorrendo no terreiro,
Meus sobrinhos brincando de engenheiro
E fazendo de terra uma represa.
Não se vê um resquício de pobreza
Quando a chuva divina molha o chão,
Só nos resta fazer uma oração
E dizer: “Oh, meu Deus, muito obrigado!”
Cada gota de chuva tem mudado
O cenário da seca no sertão.



pernambuco

ágnès souza
Recife

Ágnes Christiane de Souza, natural de Pernambuco, doutora em literatura, professora e pesquisadora. Tem dois livros de poemas publicados: *re-cordis* (2016) e *Pouso* (2020), ambos pela editora Moinhos; e poemas publicados em coletâneas no Brasil: *Visíveis I Anuário* (2020), *O poema se chama política* (2021), pelas editoras Impressões de Minas; *Felisberta Zine* edições #3 e #9 (2022), e *Titivillus*; *Revista Uso* (2022); em Portugal, *A Bacana*, *Poemas reunidos I* (2018); e na Grécia, pela revista *Teflon* (2021).

na infância

morria de medo de esperança
de pegá-la com a mão
pois diziam os meus amigos
que ela tinha dentes
a esperança poderia me morder
eu pensava

já próxima dos 30
me assustei ao ver uma esperança
depois de muito tempo
em um lugar que jamais imaginaria encontrá-la
e apesar de não estar em um bom dia
eu sorri com aquele encontro

alguns dias depois
passando pelo mesmo lugar
topei com a esperança novamente
talvez com a mesma
pensei: que amostrada
e me assustei
ia batendo na esperança
e lembrei
que ela tem dentes e pode me morder.

cidade que eu não amo

Na mesma rua que um dia
beijei um menino para que ninguém
desconfiasse que eu era sapatão
anos depois busquei uma namorada
que estava perdida e atrasada
para o meu aniversário de 21 anos
pois eu não soube explicar direito
onde morava.

1998

a primeira grande virada da minha vida
foi quando aos seis anos
uma menina me disse que não se comia coxinha
de outra forma senão pela sua ponta
eu me deixei levar por uma mulher
e nunca mais fui a mesma

(ufa)!

laís araruna de aquino

Recife

Laís Araruna de Aquino nasceu no Recife, em 1988, onde vive atualmente. É autora dos livros de poesia *Juventude* (Reformatório, 2018) e *Nós só compreendemos muito depois* (Corsário-Satã, 2021) e do livro de contos *Nós que nos amávamos tanto* (Cachalote, 2024).

e la nave va

Zorba voltou ontem a São Paulo
e nem dançamos o sirtaki com Anthony Quinn
nenhuma resolução é uma resolução
até executarmos
durante dez dias dissemos
hoje vamos ao projeto café
e durante dez dias não fomos ao projeto café
durante seis meses eu disse
não preciso dos seis meses
volto antes, mas não voltei
entretanto as pessoas trabalham, fazem compras
e pegam os filhos na escola
e ainda repreendem a minha falta de fé
a vida continua nas paisagens sublunares da minha consciência,
onde a gravidade não existe
contemplo a elegância dos pregos nas sinapses
mas as sirenes apitam
salve o martelo! não, o escafandro! não, a lagosta!
em uma dessas, Dalí quase sufocou
depois do nada, só o nada
não o nada do nada do nada?
não, só o nada
deste chão não se passa
foi o que a constante de Planck me ensinou
vou enlouquecer, não vou, vou
não vai não, A. responde, da sua poltrona de orelhas

as coisas¹⁴

Depois de semanas, retornei ao apartamento. Fui até o terraço e abri a persiana. O Capiberibe corria à montante sob a maré cheia e carregava baronesas e destroços jogados fora – pedaços de porta, madeiras, utensílios. Retornei à sala e me detive analisando as coisas postas sobre a mesa.

À semana passada, minha mãe havia passado na casa de vovó e recolhido alguns objetos do espólio. E agora eu os tinha diante de mim. Quatro taças de cristal, um aristocrata de porcelana do século passado, um cinzeiro com arabescos de flores e dois cartões-postais de Estocolmo. Recolhi-os nas mãos. No verso, a letra da esferográfica azul da minha avó cobria o papel branco amarelecido. O ano era 1994 e a remetente se endereçava a mim e a cada uma das minhas irmãs, a quem chamava suas bonequinhas. Estava escrito: Aqui não se para de conhecer cousas; e Amanhã parto para Helsinque.

Eu contava, à época, seis anos e agora já não me lembrava o postal, encaminhado ao meu primeiro endereço, nem a viagem à Escandinávia. Baixei os olhos do cartão e, movida por essa memória involuntária, tentei retrair a ocasião. Vovó em alguma lojinha de souvenirs, escrevendo sobre a bancada; depois, o gesto de colocar os postais no correio estrangeiro. Quando subi os olhos, vi que o seu casaco azul estava sobre a cadeira e o vestido de renda dos seus noventa anos. Abri o casaco e inspirei profundamente o interior.

Eu estava ali, mas já não no espaço geográfico do apartamento e, certamente, não naquilo que denominamos tempo. Pois, de súbito, confluíram todas as avenidas e ruas da minha vida com vovó e todos os objetos de sua casa saíram das gavetas e armários perdidos e se amalgamaram naquele instante preciso, feito da matéria frágil e esquecida de todos os outros instantes. Ao chamado das coisas sobre a mesa, eles acorreram, como os fiéis marinheiros, ao chamado do capitão de um Titanic, que, em um último momento, com seu poder inútil, conjura algo como a primeira letra de um alfabeto do fogo, um alfabeto lógico, especular e secreto, antes de ser tragado pelas águas do olvido.

Mas, logo, já estava ali novamente, de volta à configuração espacial, tendo por companhia o ar que me pareceu vazio da manhã. As coisas sobre a mesa, no entanto, permaneciam humildemente inanimadas e não se vestiam sequer de testemunhas do meu desconsolo. Elas estavam ali como um cão infinitamente fiel, um último companheiro que não abandonou forçadamente a jangada dos vivos. Não acenavam desde a sua indiferença. Ao contrário, em um gesto impossível, pareciam-me dizer que, à força de terem convivido com os nossos gestos domésticos, também elas poderiam dispensar, se assim soubesse ver, um resquício de ternura perdida, um fio de passado extinto.

E isto não como uma concessão ao impossível demiurgo da memória, que se entrelaçava amiúde e indestrutivelmente ao próprio esquecimento, mas como o cumprimento de sua missão de coisa, de sua dignidade de coisa, que, uma vez, lhes foi soprada ao cruzarem as fronteiras para este mundo.

¹⁴ Originalmente publicado em *Nós só compreendemos muito depois* (Corsário-Satã, 2021).

annus mirabilis¹⁵

aos dezessete estávamos no último ano
com as manhãs de aulas
a tarde nos cursinhos
e a noite uma síntese mal-arranjada

vivíamos entre a repressão
e a tarde aberta em sonhos
como interromper o percurso das 14
e meter qualquer álcool forte na garganta

nenhum verso de Bandeira era mais lírico
que nossos instintos de fuga
sabíamos de cor o do esguicho de cloretilo,
que tinha Dorinha, as cantigas de carnaval
e terminava: – na boca; na boca

algo simples e belo
como os desejos de evasão
desconhecíamos Freud e a melancolia
porque o futuro era certo e o recalque
tinha um corpo jovem e macio para rebote

nenhum ano como esse houve
e mesmo agora quando podemos mais
não bebemos nem vamos fugir
com tanta paixão

¹⁵ Originalmente publicado em *Juventude* (Reformatório, 2018).

fernanda limão
Garanhuns

Fernanda de Lima Alves é poeta, produtora cultural e professora de História. Atualmente cursa Letras na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (Ufape). Participou de diversas antologias de poemas. Seu primeiro livro, *Olhos de nuvem*, foi lançado em uma edição cartonera em 2018; a sua segunda edição da obra, revisada e ampliada, foi publicada pela editora Vacatussa em 2024. Em 2023 lançou seu segundo livro autoral *Ponteiros de guerra*, finalista do Prêmio Hermilo Borba Filho, pela editora Oia, e em 2024 organizou e lançou a antologia *Agreste mulher*, com a participação de oito poetas do Agreste, mais especificamente de Garanhuns.

óleo sobre tela

dois pratos quebrados
sobre a mesa de jantar

há três dias a chuva não cansa de chorar
e molhar muros acinzentados
enegrecidos pelo lodo

a ceia esfria insossa
os talheres não estão postos
natureza morta

tinta sobre óleo
esta não é uma obra de ficção
qualquer dessemelhança
é mera divergência

pré-posições

ao redor o oco
em cima o peso
por dentro o vácuo
pra fora o turvo
em baixo o fosso
ao lado o vulto

na boca
a navalha
à frente
o ermo
no peito
o gelo
sob os pés
apenas cacos
entre os braços
a lembrança

sobre o leito a lacuna
entrelinhas o sussurro
nas retinas o cansaço
atrás da imagem o rabisco

ante o tato
um abismo
sem espaço
apenas claustro
até a fala
o suspense
desde o por quê
até o não
perante o óbvio
o disfarce
após o lógico
a negação

com licença para a fuga
do silêncio ao uníssono
para frente o labirinto
para trás a ladainha

onde está o fim?

sem título

crio infinitas horas no relógio
que penduro na parede do dia

é quando o tempo não passa de mim

anoiteço

há dias nos quais
não estou para sol
envulto-me
anoiteço e não sei ver

em outros tempos
não estou para palavra
neblino-me
turvo o que não sei dizer

12h00

delírios pluviais revoltos
correnteza inversa

estou em pleno dilúvio

nervos emergem
em rios caudalosos
trafego incontida
eixos se equilibram
em ondas
virei corda bomba
por um fio



piuí

adriano lobão aragão

Teresina

Adriano Lobão de Aragão nasceu no ano de 1977, em Teresina, Piauí. É professor de língua portuguesa do Instituto Federal do Piauí. Sua poesia reunida encontra-se no livro *Os tempos e a forma*, que contém os livros de poemas: *Uns poemas* (1999), *Entrega a própria lança na rude batalha em que morra* (2005), *Yone de Safo* (2007), *As cinzas as palavras* (2009), *Entre áridos anseios dispersos* (2017), *Ainda havia carambolos nos muros* (2019), além de poemas dispersos publicados entre 1997 e 1998. Também é autor de *Destinerário* (2019) e *Destinerário: Piauí* (2024), com fotografias e poemas sobre cidades. Publicou, em 2012, o romance *Os intrépidos andarilhos*.

assar castanha

1

requer engenho a arte de assar castanha
exige cuidado ao examiná-las
e estar atento ao deixá-las ao sol
se alguma castanha verde engana

o mesmo olhar que agora procura
uma lata de leite em pó vazia
e depois abri-la e furá-la à faca
tornar plana toda sua curvatura

encontrar três pedaços de tijolo
para apoiar a lata deslatada
e usar graveto e papel feito lenha
para só então receber o fogo

encontrar ainda um cabo de madeira
para mexer e virar as castanhas
além de derrubá-las ao final
e apagar fogo e castanha na areia

2

abrir as castanhas com pedra ou tijolo
e constatar entre os dedos sujos
o quanto eram poucas

e compensar a falta com farinha
e pilar tudo num pilão imundo
onde cada um receberá seu punhado

adoçar com cuidado e sem cuspir
resquícios de carvão tijolo e areia
pois leva arte o engenho de assar castanha

sombra de bois

abriga o gado a sombra dispersa
dos galhos emaranhados dos cajueiros
diante de um mundo cercado de arame farpado
demarcando poeira e barro
que emergem por toda estrada

abriga o gado um gavião em suas costas
no silêncio da tarde devora
parasitas encontrados pelo couro
em meio aos diferentes tons de sua pelagem
e entre as folhas secas que recobrem o chão
buscam os bois o que restou de seu pasto
entregues à aridez de existir nestes outubros

labirinto este círculo infinito

labirinto este círculo infinito
de som e espaço ocultando a saída
neste espelho perdido em meu ouvido
olhar mergulho viagem vertigem
labirinto neste íntimo caminho
nenhuma linguagem diz o que digo
toda fala guarda o mesmo destino
sempre repetindo o vício do giro
toda linguagem diz mais do que digo
desenha o tempo um eterno rabisco
espelho silêncio palavra origem
reflexo sonoro escutando o ciclo
seria a alma o delírio seria
labirinto este verbo substantivo

os nomes as pedras

deixai aqui nestas pedras o nome e a fábula
daqueles que almejam a revelação
para que o tempo os apague plenamente
em sopro enigma e luz
a mais cega das visões

comei e bebei com satisfação
pelo bem que propiciastes em dias passados
à espera da palavra e seus cavalos
que árdios disparavam
pela imensidão do verso

deixai também este verbo
impresso em talhe na mesma pedra de seus nomes
tu que és tantos e deixas tão pouco
para que o tempo também esqueça entre as pedras
a inútil memória do corpo

sabrina alento mourão

Parnaíba

Sabrina Santos de Moura é piauiense radicada em Pernambuco. Publicou dois livros de contos e dois livros de poemas, sendo eles, respectivamente, *In Vivo* (Livrinho de Papel Finíssimo, 2017), *O estágio mais rudimentar do fim* (Castanha Mecânica, 2020), *Ponto crítico da noite* (Editora Micélio, 2020; Editora Arrelique, 2021) e *Blue Dream* (Círculo de Poemas, 2024).

weird fishes

o aquário pergunta ao peixe
se um paraíso nos limites do vidro
era o suficiente para nadar

os enfeites as bolinhas de ração colorida
o enriquecimento ambiental
a bomba de oxigênio os moluscos filtradores –
nada disso se compara ao mar

wish list

quando você me encontrar
não fale comigo,
não olhe pra mim
eu posso chorar
Jards Macalé

quero um dia de paz
quero uma semana de trabalho com quatro dias úteis
quero fazer três refeições por dia
quero não te perder a cada vinte e quatro horas
quero não me perder a cada vinte e quatro minutos
quero mudar de cidade de estado de país de planeta
quero fundar uma nova civilização
que se inicie e se acabe em nós duas
quero tomar um porre homérico misturando tudo
quero nunca mais botar uma gota de álcool na boca
quero morrer pra sempre hoje
quero largar tudo e ir pro meio do mato
quero abraçar o mundo com as pernas
quero me comunicar apenas na nossa língua íntima de amantes
quero ser a voz de uma geração
quero ter uma infância feliz e plena
quero fazer charas
quero amar o que tenho nas mãos
quero dissipar o que tenho em mente
quero moer meu café
quero andar descalça em um pomar de frutas caídas
quero ser a pessoa que ama e liberta
quero me sentir livre do peso de prender
quero fazer uma música um disco um show uma turnê com você
quero ser sex symbol para as lésbicas
quero que minha vida deixe de ser uma música triste do The Breeders
quero acabar com o sofrimento do mundo
quero acabar comigo
quero me encontrar
quero nunca mais querer nada

hall da fama

prometi que quando a prefeitura
fizesse a calçada da minha rua
eu escreveria nossas iniciais
no cimento fresco
dentro de um coração flechado
um dia antes de construírem
você foi embora
e no dia seguinte
quando me dei conta
a calçada estava feita
o cimento estava rígido
e nada mais poderia ser escrito

todo mundo gosta de uma escritora morta

todos os dias, antes de dormir, levo a mão para o lado esquerdo do peito:
pressiono, massajeio.

sempre sinto dores leves e penso que devo mudar minha alimentação
que devo
parar de deitar de bruços pra ler na cama
que devo
parar de abusar do álcool
que devo
usar palmilha porque tenho uma perna dois milímetros maior que a outra
e que devo
muito dinheiro.

todos os dias, antes de dormir,
penso que se eu morresse,
dormindo
ou acordada,
gostaria de poder me arrepender:
não antes de morrer,
não para entrar no reino dos céus,
mas depois:
enterrar o arrependimento da palavra não dita
para decompor com minha carne.

todos os dias, antes de dormir,
quando penso na morte,
me alegre:
afinal, todo mundo gosta de uma escritora morta:
não pela obra, isso é o de menos,
mas pela satisfação de abrir a boca e dizer:

- eu li antes de morrer
- eu conhecia antes de ganhar esse prêmio póstumo
- uma pena que só é reconhecida agora
ou ainda
- nunca saberemos o que ela quis dizer.

todo mundo gosta de uma escritora morta
para ter o benefício da dúvida,
para ter assunto nos bares, nas livrarias, nos cafés,
nos lugares aonde vão as pessoas que gostam de escritoras mortas
para falarem única e exclusivamente
dessas escritoras mortas:

- que pena
- tão jovem
- tão pouco reconhecida
- nunca saberemos o que ela quis dizer.

todos os dias, antes de dormir, lembro que um dia serei uma escritora
morta
e que todo mundo gosta de uma escritora morta,
não pela obra, isso é o de menos,
mas porque ela era reclusa,
ou fumante,
ou falava com espíritos através de rádios,
porque doou todos os livros da estante e colocou vasos de plantas,
ou catava papéis,
ou porque se jogou pela janela do sétimo andar.

todos os dias, antes de dormir,
lembro que um dia serei uma escritora morta,
e que alguém que nunca tentou entender o que escrevo
vai dizer
nunca saberemos o que ela quis dizer.

lara matos
Teresina

Lara Melinne Maros Cardoso é autora da página “Caixa de Abelhas”, no ar há dezessete anos. Em 2020, lançou seu primeiro livro: *O corpo dos meus sonhos e outros poemas* pela editora Entretrópicos. Criou, produziu e editou as zines autorais *Zênite* (2017), *Apiário* (2018), *Melipona* (2021), *Meliponário* (2022), *Litanias* (2023), *Urdidura* (2024) e o folheto colaborativo *Baladeiras*, por ocasião da Balada Literária de 2019.

ensaio anatómico 1

o sangue é um tecido
conjuntivo
um oxímoro de si mesmo
lavável com água
que não pode ser
trajado
a menos que derrame:
é possível
cerzir a ferida,
reunir a pele
e apesar disso
muito ser perdido

sem título

Aqui
tem muitas mulheres com raiva
elas mordem meus calcanhares
arranham minha barriga
mas não quero acalmá-las
quero mulheres raivosas
quero mais é que gritem
que avancem
que vão embora
porque quero ouvir suas vozes
entender o que elas dizem
e tão de perto

futuro do pretérito

Em algum lugar
O homem que eu poderia ter amado
sorri para uma fotografia que eu
poderia ter tirado – embora eu seja péssima
com enquadramentos e timers –
perdi até mesmo a nossa hora
Eu poderia tê-lo amado;
não nos ajuda muito
esse futuro do pretérito tão pesado
engessado nas palavras dele
Apesar de seus olhos verdes
ainda por cima muito pequenos
eu poderia adorá-lo
de muitas outras maneiras
Mas o homem que seria meu amado
ouviu meu desejo e
correu dos horrores que eu carregava,
assustado porque eu sou um espelho
de olhos pretos



rio grande
do norte

maria luíza chacon

Natal

Maria Luíza Assunção Chacon é escritora, doutora em literatura comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professora de língua portuguesa e literatura. Publicou textos em antologia e revistas literárias. *Inútil corroer o osso da tempestade* (Cachalote, 2024) é o seu primeiro livro de contos.

O Olho

Teu nome Esclerótica, chego perto toco o teu nome que também é membrana parte corpo o nome que é Coroide ou Esclerótica ou imagino as imagens de dentro penso em qual local estão armazenadas e sei que no olho está teu cofre ou rio, Esclerótica, Coroide, acima do nariz esse teu nariz aquilino circuncisões do teu rosto teu olho me olha sério no horto ou no teu olho sério está também minha solidão a inaugurante a original a primeira entre as solidões a progenitora a matriarca a patriarca também mas a matriarca principalmente a de que da água veio o mundo todo redondo e bom com criaturas terrestres e marinhas que antes eram terrestres teu olho Horto das Oliveiras tu Esclerótica, Coroide tu te sendo ao avesso teu olho sério que depois sorri para mim porque pisca ou lacrimeja ou mostra para mim o que olhar porque teu olho antes de olho foi ancestral dedo indicador de Adão e tu Esclerótica, Coroide, Mácula Lútea apontavas para que eu visse cores as cores adensando minha visão a minha mão queixosa e sempre disposta a mais receber do que dar ou a minha mão branca erguida sendo um pedaço de cor para cima depois dizem que cão só vê em preto-e-branco Esclerótica, Coroide, minha Mácula Lútea queria ver que nem cão depois ladrar porque vi ou ladrar porque nunca ladrei chego perto de ti teu cofre ou rio ou planta carnívora está mais perto de mim agora mas não sei embora desconfie que haverá o dia entre todos os dias em que recostarei um dos meus dedos sobre o teu olho ou teu horto e tu Esclerótica, Coroide, Mácula Lútea irá fulgurar todas as espécimes florestais evocando primeiro planta carnívora meu dedo no teu olho fecho teu olho mas fecho o teu olho com o meu dedo-cadeado dentro e primeiro teu olho que antes de ser olho foi dedo indicador vai engolir meu dedo e vai doer ou eu vou dormir acidentalmente com o dedo no teu olho que antes era dedo indicador e vou dormir o sono que não permite que eu sinta dor um sono entre tantos outros um sono-hanseníase e teu olho que antes era dedo indicador vai absorver cada um dos meus dedos até que resulte em minha mão e minha mão dará lugar à sua grandiosa fome ficarei sem uma das mãos o ato de escrever será mais árduo e escreverei com a boca porque vi outro dia uma mulher que pintava com a boca ou vou encostar o topo de minha cabeça no teu olho Esclerótica, Coroide, Mácula Lútea para que teu olho me degluta inteira em ritual antropofágico teu olho teu dedo indicador teu olho tu Esclerótica, Coroide, Mácula Lútea estrutura de músculo e líquido irá adquirir de mim as particularidades a minha força trapezista em que inscrevo minhas acrobacias lanço-me aérea e compenetrada para de cócoras chorar e chorar depois no camarim era trapezista e esquecida e tinha segredos segredos que coexistem detrás dos teus olhos no teu cofre aquele que desejo ter nas mãos que mais recebem do que dão que desejo tatear até compreender as formas exatas de um segredo suas depressões planícies e montanhas e teu olho Esclerótica, Coroide, Mácula Lútea, Nervo Óptico vai sair de órbita vai pular para fora passarei lâmina no teu olho como personagem de Buñuel e Dalí para que teu olho cortado e gelatinoso ceda espaço para minha mão inquiridora e preta-e-branca para um cão vou costurar teu olho depois para que ele remende vou deixar um talho no teu olho vou roubar de ti Esclerótica, Coroide, Mácula Lútea, Nervo Óptico, Humor Vítreo o teu cheiro de maresia e teu marulho teu olho oco verá mas não registrará então esquecimento precederá esquecimento teu olho irá se comover mas não chorará vou arrancar teus dutos lacrimais vou te deixar ausente feito um deserto vou tirar de ti as intumescências vou tirar de ti as estruturas delgadas porque Esclerótica, Coroide, Mácula Lútea, Nervo Óptico, Humor Vítreo eu pego nas mãos atiro contra o chão e estilhaço em incontáveis pedaços teu Humor tão fácil de destruir e de refazer em remendo mal feito colhendo os cacos grudando-os com merdas do olho do teu

cu ou minha mão mais adepta a receber do que dar pretendia acarinhar teu olho que foi dedo indicador ou osso ou gente mas por fortuito te converteu em deserto Esclerótica, Coroide, Mácula Lútea, Nervo Óptico, Humor Vítreo para que a solidão se insinue primeiro e depois o olho

anasyrma

este morto era perverso de não caber por dentro dele tanta perversidade, os dois olhos miúdos desse perverso homem das pedras das rochas do começo da terra me mandando chupar prego, olhinhos claros insuspeitados pelo tamanho, Chama aquele teu amigo anão com nariz de jeba pra deitar aí umas escavações; antes elogiava minha buceta gordota enchendo a mão nela entre apertos e muxoxos, antes quando era um morto perverso em vida e geólogo com as duas bolas de calhau.

e o anão?

primeiro o morto, sim?

mas e o anão?

ele se chama Leonaldo.

nariz-de-jeba-de-mula?

não, Leonaldo, esse é o nome do anão. o que não vem ao caso porque primeiro vem o morto, você, o perverso na vida e na morte, só depois o anão.

mas uma vez você me disse que quando senta no nariz do anão ele vira uma escavadeira hidráulica, só que com doçura.

você enquanto morto foge como um vivo. o anão só depois. o morto, o perverso, o Diamantino. era dele que falava. de você. esse nome bruto. num interior seco, morto em vida por estas terras, areia, urzais, você dizia que eu tinha um pântano entre as pernas, um pântano!, e no entanto já estava morto, que espanto ouvir isso de um morto e estar inundada, encharcada entre os juncos, e habitarmos o mesmo interior, sim, quase-assombro, o mesmo limite da cerca dando de horizonte, as nossas cabeças moscando entre as brechas pra dar conta do ocaso enquanto dos lados uns cochichos: é velha e é safada ainda, finjo que não ouço, um hospício e uma rolha no meio das pernas não iam mal, talvez eu não ouça, nos moles engelhado dela não tem tempo pra teia de aranha, não tem não senhor e podendo lamba aqui a minha teta, é coroa mas até que é enxuta, árida até onde chegam suas vistas, tenho certeza que já deu pros carneiro porco boi tudo da região, nunca dei pra bicho, não, porque o que eu gostaria de dar não tem tamanho pra me comer: rato. tenho dois, acho lindos, um cinza e branco com olhinhos de amêndoas, um todo branco com olhinhos vermelhos, ambos de rabão. digno coração mais que muita gente – pudesse dava e ainda paria uma ninhada. ia lamber repetidas vezes ratinho por ratinho. mas num é possível. e como a gente paga também pela falta de criatividade de deus, filhote de pessoa eu nunca quis.

não sei se é de seu interesse saber, mas subo, preciso dizer que subo uns costados de colina, ou então não, que na verdade costuro ao ar marítimo e de escamas de peixes a matéria fina de minha própria pele enquanto subo. não. assim eu deito as pedras sobre a leitura, você cai, ainda mais se ela não te interessa, e eu não sei se te interessa. matéria fina. escamas de peixes. ar marítimo. merda. façamos o seguinte: subo de novo. subo uma colina pelos flancos e tenho a pele salgada, pertença àquela raça de pele salgada e cabeça movediça, subo subo e subo para encontrar o Anão, subo mansa, subo certa, subo cansada porque velha ou porque acendo uns cigarros e é difícil esses jeitos de subir, vai ser difícil esses jeitos de subir até o fim, mas é o que faço ainda assim, preciso que eu e o Anão a gente se encontre, e sempre pra cima é que se vai quando há tenacidade para encontrá-lo, nas alturas, o Anão está sempre nas alturas, é quando você sobe o máximo das suas pernas, e como eu preciso que eu e o Anão a gente se encontre e forme uma massa esverdeada e fedida que se alguém na rua encontra não chega nem perto e por isso nem deita fora, mas ninguém vai encontrar eu e o Anão caso a gente se encontre, e é certo o encontro, certo

porque vou para cima e o Anão diz sempre sempre para cima quando você quiser que eu e você a gente se encontre, e eu quero que eu e ele a gente se encontre porque há muito tenho andado repartida das coisas repartidas, repartida dos repartidos e eu cada vez mais difícil de enxergar o Uno, entrever o Uno que só mesmo formando uma massa esverdeada e fedida. difícil enxergar o Uno e por isso difícil a subida, mas é certo que a gente se encontra, eu e Leonaldo lá em cima, para que a gente recupere essa matéria de caquinha fedida e lama de que somos todos feitos, e que se alguém encontra sai de perto bem rápido pra se livrar da responsabilidade de ter visto, meio constrangido pelo imprevisto de ter visto ou pensado que viu ou sonhado que existe O um, que ele se despeja em todos os ossos, em todas as brechas. goela de peixe. de rã. de rato. de sapato. de vento. de naco. eu e Leonaldo, a gente tá aqui. agora. e não há quem nos encontre

nesta terra de mortos
de não nascidos

nisto que, quando se parte, forma o Um. a gente forma uns catarros, uns bolos de catarro que só se você viver pra ver, uns escarrados molengos nas bordas, o centro endurecido verdolengo e fica dias e dias sendo isso, eu e o Anão que é tão bom se você senta na cara dele ou com ele pra querer de novo a beleza, a primeira que vimos e que já não sabemos por qual nome chamar, os contornos, os breus, é isto o que me dá: um gosto pelos breus das belezas, daí a saia curta de tecido fino sobre a pele flácida potentando buraquinhos nas ancas, faço umas sombras, a cara de carquilha dobrando-se, faço e me sinto bonita, de uma graça de antigo renovo – essa vida é inteira sombra de beleza que vimos, retida que está no segundo de sua aparição. a gente encontra o que imagina ser uns caquinhos e cada um improvisa como pode o seu mosaico. meu corpo um território de batalha bastante acanhado que a subida despoja, vou saindo, quer dizer subindo, sou um terreno desapossado, serei, parece que explodi em algum momento, há uns estilhaços, cada qual atende por um nome, não atende, esgotam-se num esforço, fundem-se com a Fenda que é também uma forma de fazer silêncio. que é deus. silêncio de batalha. de uma subida que não acaba. eu e o Anão a gente se encontra no máximo que é das pernas, nunca da subida. o mosaico de cada é feito como o um pode. a depender dos caquinhos que a gente encontra. não encontro. mas junto os cacos assim mesmo. eu roubo eles. um por um, eu invento eles. inventam. parece que há sujidade em tudo que tenho dito. sabe merdice, porquidão? sou um homem porco. são. outro perverso. e uma velha. Esmeraldina, a rugosa. também a jeba no nariz do anão com verruga do lado e uns respiros gozosos. pertencemos ao mesmo aterro. sempre pra cima é pra onde ele aponta. e ela, a verruga. a palavra é o nosso estribo comum. há um grito, sabe, um grito no centro de todo verdolengo que é feito de gente, mole nas bordas. e há a missão selvagem de estar à escuta. a misteriosa marcha. levanto a saia e acocoro sobre o nariz de Leonaldo. uns escavados fundos, no fundo do meu nome de pedrinhas. a greta é um pântano subindo pelo gargalo. maismaismais. até que transborde a cabeça de um bicho de olhos escuros. uns ecos. o silêncio da marcha pelas pregas, um crocodilo que escoia e que cheira a mofo. taperas. o agora é quando a beleza faz uma sombra aqui em cima e ilumina o decurso inteiro. vou pela sombra, a greta esgarçando, e é de gosma fedida o olho da fera – a gente olha e se dispensa de ter visto a pergunta que não tem esgarçada que responda. o perverso que conhece as pedras que cobrem esta terra está morto e foge como um vivo, não me quer assuntando. deu um nome a mim, de uma pedra oca e que rola, mas sempre para cima. sabia quase nada. não sabia, por exemplo, que eu podia inventar jeito pra esmeralda: aquela que não vale nada e que, quando desce, na verdade sobe. nasci antiga, mas é possível que fique moça. que fique outras. lembro o gosto por sentar sobre a boca de todos

os homens, de Leonaldo o nariz que quando cutuca faz uma cócega, desce um bicho. pujancinha discreta. as águas claras. escavadeira à revelia e, por isso, doce. o corpo de deus entre as treliças, magro, muito magro. uma mancha amassada. O um: corredeira entre as brechas. ergo a saia como de costume e vou chegando. um pântano, um pântano é o que você tem entre as pernas, Esmeraldina, e teu gosto pardacento na boca, por que esta aspereza de seguir subindo? esse desejo de conter o nada entre os dedos, de me buscar sem descanso? que é que te deu crer que o teu corpo e o de dentro da carne deve buscar meu silêncio de batalha? o de dentro desta cara. teu olho com poliopia, Esmeraldina, o meu também enxergando várias, zonzando, abrindo buraco nas coisas com a perversidade de conhecer o de dentro das pedras.

que se meu olho tem defeitos foi porque tu o fizeste, que quando busco a ti na subida busco a mim também com desajeito, que enquanto desembuças tua sagrada face eu desembuço minha sagrada fera, que teu rosto tua forma é quando apreendo o desconhecido e ele se preserva inteiriço e implacável e é por isso mesmo ausência, ausência contígua, essa de perplexidade e ternura, que na mesma medida em que subo afundo. ausência poço-sem-fundo, o enorme clangoroso, e eu que busco no corpo as marcas de sua santa perversidade como quem tenta o caminho de volta pelas pegadas. Esmeraldina que procura os homens, que os encontra e deita-os e deita-se sobre a relva, que se chega a deus e, no entanto, permanece tentada. um abrir de ossos diferente. um levantar de saia e o espanto no silêncio desta cara. anasyrma é a palavra. esqualidez é a que se segue. diamantino-deus, o das pedras do início da terra embostelado, tonto às tantas e permanecem, no mesmo aterro, zonzando os olhos, ambos só que distantes. nunca, nunca antes.

leide

, salto quinze meia pata, a banana-da-terra forçosa no lado de dentro da bochecha, empurrando a gengiva, passa nos dentes, passo, essa manjuba são coisas, junções, Deus foi dando de acréscimos nuns esticados do tempo e a manjubona lá, resultado e exultante, bico de íbis-preta com tronco de macaxeira, folhas de juá, clareantes, Leide cabeça no truncado sem engordurado mistério – mais simples não tem, espera o bicho dar um chorinho naquele ponto que se necessário rasteja teso e roça com leveza o sabugo nos dentes. Tiro e queda. Branqueador esse bicho dele. Leide com a manjuba dele passeando pela cara, manjubona, junções, sabugo e bicho, e o sorriso todo lustroso: quem me vem chega sabendo de uns enroscados na língua, a mãe dizia qué que tem aí nessa tua boca minha filha? uns arame farpado? um espeto na língua descendo pela garganta?, pai eu não tinha, mas a minha mãe tinha um namorado magro de ser joelhudo que o nome dele era Gervásio, e eu quando ia dizer o nome dele dava aquele nó, um nó seco que ia até muito fundo, se fosse o espeto descendo pela garganta eu acho que ele ia até os meus pés, aí aquele nó, geeer-geeeerrr-geeeerrr, Gervásio dizia pra minha mãe que eu era engraçada, que dava cada trupicão nas palavras que chega piscava demorando pra ver se desengasgava, aí ele dizia essa menina tá sempre engasgada e ficava rindo da minha cara, dizendo desentala!, arregalando os olhos duas enormes esterqueiras úmidas, eu parava o nome dele no início mesmo, a minha mãe só dizia que eu não podia desistir de falar as coisas, mas eu não desistia de pensar as coisas, de pensar nelas sem engasgo, então eu pensava muito forte, assim gritando na minha cabeça, que Gervásio era só um bolachudo do cu fino, um bolacha de joelho de disco voador.

Uma vez, depois de ouvir a esterqueira de Gervásio, dei de tomar banho enquanto chorava. Nas novelas da televisão passa aquele pessoal que fica chorando encostado na parede até que, por sofrer muito, vai deslizando por ela devagar, desliza, desliza, leva as mãos à boca até ficar sentado com a mesma cara de besta. E, como eu sofria bastante, meu corpo foi se colando à parede, o topo de minha cabeça logo abaixo do registro do chuveiro, eu pequeníssima fui deslizando, deslizando e chorando com aquela água caindo e me dando mais vontade de chorar ainda, sentada no chão primeiro com os joelhos dobrados e as rótulas apontadas pra cima, depois já desgrudando da parede, envergando meu corpo pra frente e sacolejando um pouquinho. Caíam umas águas e quanto mais elas caíam mais eu queria chorar, Gervásio joelho de bolacha e cu de alfinete dizendo lá vem a engasgadinha!, fazendo que ia me pôr de cabeça pra baixo segurando pelas canelas e que ia chacoalhar porque aí quem sabe o fruto do engasgo voasse solto pela minha garganta, as meninas da escola imitando meu jeito de piscar entalado, e de repente aquele aperto, um nó de se pegar com o santinho daquela Nossa Senhora Desatadora, de um lado uma pintura da santa desatando um nó de olhos fechados e jeito debochado enquanto dois anjos, um à esquerda e outro à direita, seguram os outros nós da mesma fita branca e longa, mas eu acho que mais curta que o nó que começava dentro da boca e ia até os meus pés, que quando eu ia crescendo ele ia crescendo comigo, inteiriço fazendo aniversário. Tem aquela palavra, tênia, pode ser isso que eu sempre tive, uma solitária, imagina a santa desatando os nós do meu verme, imagina se ela ia fazer essa cara de debochada com olhos fechados enquanto desata o meu verme imenso e molengo por fora mas duro por dentro. Sentada dei de envergar meu corpo mais e mais pra frente, a piriquita rente ao chão deu uma cosquinha boa, com as duas mãos abri as abas da minha xereca – lá estava ela, aquela linguinha cor-de-rosa que eu não sabia pra que servia, mas que me fez pensar que eu tinha duas bocas: a dentada dos entalos e a

banguela mole que se falasse não hesitaria em uma palavra sequer, envergar o corpo pra frente até o ponto de deitar de bruços esfregando parecia bom, isso eu não sabia se o pessoal da televisão fazia depois de deslizar pela parede porque depois que o pessoal senta geralmente corta, a cena corta pra outra pessoa fazendo outra coisa, nisso a voz amerdalhada de Gervásio do outro lado da porta

ei, menina, tá fazendo o que aí dentro esse tempo todo?

Eu não chorava mais, escorregava a boca funda pelo chão pra sentir ficar bom, a voz amerdalhada de Gervásio vai sair ou não vai?,ameaçando arrombar a porta, eu nem parava de escorregar nem respondia a ele porque não queria ouvir a voz de cima, queria, sim, viver de uns rastejos, ser eu mesma só que resfolegante, a língua que agora eu descobria pra que servia e articulava sua grande voz. Deu um barulho muito forte, ele Gervásio de um só chute na porta, eu acho que arranjei uma nova forma de falar porque eu não disse nada nem parei de escorregar, escorregar era tão bom, mas tanto, de deixar a pessoa fraca, ele deu mais um estrondo na porta, mais outro e outro amerdalhando, mas eu só parei de escorregar depois que ficou muitíssimo bom a ponto de o meu corpo parar sozinho e com calma enquanto Gervásio dizia que eu era absurda. Falta de surra. Que pra lavar essa minha xereca glabra eu gastava a água do mês inteiro.

Deu daí descobrir a língua solta, Gervásio de esterqueira seca dizendo tá criando peitinho, nele mesmo eu nunca encostei a minha xirinha porque imagine só você passar a sua língua num todo amerdalhado, e eu nessa época não era doída de comer merda, ainda mais merda de graça que dá um entalo na gente, e ele já tá fazendo bico aí debaixo da blusinha huum, dizia isso com cara de caga bolota, minha mãe não ouvia, não; de mim eu acho que ele pensava que quem ouve mas não tem jeito pra responder é mais fácil de prender. E me chamava de tartamuda, eu já tentei muito dizer essa palavra mas fico nervosa e pra passar do segundo ta é um sufoco. A xirinha eu roçava no chão, nas quinas de mesa e de sofá, nas cuequinhas molhadas dos meninos, na boca de seu Cleiton que tinha um bigode cheio de eu encostar e parecer pentelhuda, de repente uma mulher já formada e velha com a língua desenrolada sem segredo cá dentro, mas Gervásio nem se ele pedisse pra eu cagar na cara dele eu cagava, sobre o caveira achatada nem o meu cagaço.

Seu Cleiton tinha uma padaria no andar de baixo da casa dele e eu ia pra lá perto da hora da padaria fechar, ficava encostada no balcão olhando a estufa e seu Cleiton primeiro fazia cara de pena, depois me dava as sobras. Às vezes a banguela mole de baixo salivava mais rápido que a das dentadas de cima, comovida com os restos. Seu Cleiton tinha uma bíblia gorda aberta em cima do centro da sala, eu olhava e olhava, andava em volta espiando umas palavras, Jetro rebanho deserto Egito cananeu leite mel olhar pra Deus, engraçado seu Cleiton e as gentes pensarem que dali vai sair alguma coisa com a sutileza das quase imperceptíveis sortes cotidianas, primeiro uma depois outra, insuspeitadas todas, e quantas solitárias no Tartamudo bem fundo, as solitárias do Tartamudo devem colocar só a cabecinha pro aqui de fora, morando dentro das palavras abertas ou fechadas, fechadas ou gordotas escancaradas, o cocuruto do pai, a cabecinha do filho e o rombo do espírito santo, a estufa bem cheia e portentosa, uma comoção com os restos e na minha boca sequer as migalhas, mas o pau grosso de seu Cleiton sim, nem parecia a minhoca dos meninos, cuecas de estrelinhas, cometas pequenos e elásticos folotes, a pica truncuda de seu Cleiton sim, pergunta agora mãe se é um espeto cá dentro, o lá de cima Tartamudo com os seus zumbidos e sobejos, Seu Cleiton segurava minha cabeça, enfiava tudo bem fundo, depois dizia vou esporrar nas suas pernas, não se mexa, bonitinha, e eu ficava paralisada com um inseto desconhecido pousado nas costas. Certo

suspense de espera e retirada, depois não me pediu, enfiou e segurou a minha cabeça, enfiou e segurou e meus cabelinhos esvoaçando, Leide lacrimejante, enfiava e segurava e eu ruidosa nos engasgos, enfiou e segurou forte, esporrou ali mesmo, afundado,

é uma gosma quente, bonitinha, e um desenrolar de línguas
estica aqui estica a língua e sobe ela até encostar no nariz

Houvesse um reino seu Cleiton seria encarregado de desenrolar o tapete pra rei rainha e suas três filhas, mãe é de sangue o espeto se tu o repensas, coaguloso, depois ele, o de preparar as passagens,

diz teu pau enrodilhado no meu cuzinho espantado
na minha xirinha o teu pau apertado já se espanta com a boca mais de baixo,
seu Cleiton com bigode flutuante, ria com a carona vermelha, ria de chorar,

O espeto se tu o repensas é de sangue nodoso, matériaviva calcários borbotões,
seu Cleiton me via tão menina, enterneceu-se disse furico,

abre aí o furico se nos teus adentros o buraco é matériapalavra

com bigode furico ia ficando uma palavra engraçada, o Tartamudo com bigode de crina de cavalo lustroso e ffffu-fuuuu-fuu-fu, emperrado na boca um cu pentelhudo nos arredores, havia um desdobrar-me inteira, excrescências, um descobrir de bocas, talvez a de baixo tivesse se elevado na altura da outra, arregacei o furico, e então eu pensei que queria levar seu Cleiton na minha casa, engolir aquele bronhona dele pra depois dizer umas verdades a Gervásio feito um carro veloz em pista lisa, diria tantas que quem sabe precisasse mais porra pra dizer tudo, seu Cleiton uuuuuuuuuu, eu com as mãos arreganhando imaginando a cara dele e, na minha cara, Tartamudo é o lá de cima, ouviu, Tartamudo, Tardiloquo, o Balbo, enormemente Acanhado, Gasguento de olhos fechados, Tatibitate enojado, Tartamelo escondido de quatro, nojeiras e balbucios, matériasilêncio despencando dos buracos, espia o buraco aqui o de baixo, espia se é matériapalavra neste pedaço de bosta encarnada.

que vês?

Então era depois da porra quente que me dava um falatório desentropado, devia ser porra jorrando da cara despombalecida daquela Senhora Desatadora, porra jorrando é que fui nessa vida de muito bulir e bater bolo, de ganhar um nome nunca a ponto de esquecer o outro, sempre escutando o outro, fazendo um bulir de letras, misturas acréscimos, atendendo na verdade por outro, de bulir num cu fazendo a investigativa, é uma pedra preciosa benzinho, deixa ver aqui no fundo uma painita uma família inteira de ita bem espremida, e esmigalhava os meteoros todos, vixi e é gaga? eu taco-lhe é bronha até falar direito, uns cheios, mas do Tartamudo sequer as migalhas, um acanhar-se, fechar de pernas afastado e afastando-se, escancarei a bíblia no corredorzinho da casa, mostrava que podia procurar algo bem debaixo do meu nariz – e não encontrar –, as outras observavam desatentas, até que um dia me veio um policial e atentaram-se todas espichando os ouvidos e os rabos, cadelonas, ele soube de mim aquela magriça ali que não fala direito, testudinha porrada, isso é claro antes da tanzanitapoudreteita alexandrita painita do abstruso peludo, mal eu falava e a piroca mediana do Policial içava a cabeça de bebê espertinho ao equilibrar o peso da própria moleira no pescoço, depois nuns regulares dizia ôôô Maria Boooaa, Leide está?, mesmo que soubesse da impossibilidade de uma resposta negativa, um dia disse pra mim

tu conhece gás Hélio?

qq-quié?

é um gás que assim que você bota pra dentro faz falar fino.

Agora desentalar não desentalava. Não tinha gás no mundo que fizesse a vez de um cacete. Parece que Policial Peixoto era bom em resolver furdunço de rua, em marcar incertas por tudo que era buraco com barraco, chão de barro e casa desreboçada, dava cascudo em menino projeto de vagabundo que jogava bola na rua quando devia estar dentro de casa e tiro na cara de elemento maconheiro safado, até dentro da casa do elemento mesmo, que por aqui foi por uma boca só a vez que ele entrou na casa dum rapaz de 16, deu-lhe dois tiros no meio da cara e meia-volta.

Nas primeiras mal chegava e levantava a minha saia, afastava minha calcinha pro lado, descia as calças, a britadeira subindo, e dizia hoje eu vim pra meter bala, e britava quase se enfiando com as bolas e com tudo, me mandava falar umas coisas com balas e buracos tipo vai mete bem muita bala no meio da minha cara, às vezes eu achava que aquele homem ia num só golpe se esconder inteiro na minha buceta, morar lá dentro sacolejando quem sabe a resolver as rugas de duas ou três cicatrizes de aborto. Acho que ele me mandava falar porque tinha um jeito de se levantar pro meu espeto que começava na língua e ia descendo pela garganta, e ele queria que eu visse, queria tanto que eu visse esse jeito de se levantar que passou a chegar só pra me mandar falar, trazia recortes com reportagens sobre bandidos mortos em confronto com polícia, e quando ia me dando os nós, repetir várias pra finalmente progredir pra repetir, ele emitia uns sons, coaxado só que mais espriado, no início eu até disse que eu podia cantar as notícias ao invés de dizê-las, porque aí eu não empaco nada e é ótimo, me passou também pela cabeça falar que primeiro a porra e depois as mortes num só embalo, ele disse quero desse jeito quisesse de outro eu tinha dito tá pensando o quê?, sentado com as palmas das mãos sobre as coxas. Numas peidava risonho, peidava e coaxava espaçoso e esparrinhava assim mesmo, sem encostar um dedo sequer.

Policial Peixoto deu de começar a insistir no buraco do rebuçado, aí entra uma família de ita, um dois dedos logo atrás, o cabo da 38 e depois a boca da própria – o homem foi alargando nas ambições até ser tragado pelo cano numa esparrinhação só. É que gostava muito do assunto matar e morrer, de um jeito que eu nunca vi. Matar e morrer com a barraca tesa, agora imagina o homem chegando nesse estado pra ter com o Tartamudo lá em cima, morrer de uma só vez é o precipício de qualquer pinto (mas se é pra despenhar numa hora ou noutra, que seja esporrando, eu acrescento durante um descanso do meu verme.). O policial começou espirrando porra ao ouvir falar pausada e repetidamente em morte, depois tava assim querendo brincar de roleta-russa no oritimbó e de passar cheque na cara do perigo. A brincadeira durou até a colocação da quarta bala e era eu que disparava toda santa vez, na última delas eu pensei que cagar na cara de Gervásio eu não cagava, mas voltando no tempo dessa brincadeira eu brincava. Nuns disparos também é que anda o espeto, o verme emplastado dá descanso quando vem a porra na descida da garganta, a porra que no dia pode ser a primeira a terceira a oitava, mas é que inauguro um estar de alívios assim mesmo, porque é preciso dar ao corpo em matéria de esquecimento quando se é matériasilêncio dessa que esvazia a bocarra do Tartamudo ao menor sinal de tédio, ferrugem e espasmo, escarra cospe, a esse modelo é que cai sobre nós um rosto, menina descobri as águas na banguela de baixo com seus desentalos, pudesse falar por ela eu falava, nunca hesitante, pudesse respirar por ela eu respirava, catava as migalhas, escarra cospe o lá de cima escondido de quatro, Tatibitate enojado, os golpes de cuspe fazendo a nossa cara, tanto desastre desgraça uns arame farpado rombo no bolso doença espalhada e a gente que não pode, não consegue cuspir de volta.

cris^{tina} de macedo

Natal

Cristina Lucia Costa Mauricio de Macedo, nascida no Rio Grande do Norte, morando há muitos anos em Maceió, é psicóloga, mestra estudos literários pela Universidade Federal de Alagoas, especialidade em psicologia clínica, psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica do Recife, vinculada à IPA (The International Psychoanalytical Association), doutoranda pela Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES), na Argentina, com pesquisa sobre o suicídio.

elogio ao rio infinito

Queremos atravessar o rio
Abarcar o movimento de mãos dadas
Pedras na fonte
Debaixo de uma sombra
Ou dentro dela
O sertão nos alarga
Mesmo em uma distância qualquer eu dissera
Emigrar pelo fio que trança a palavra
Emigrar pelo fio que contorce o silêncio
Afastem todos os culpados pelo desamor!
Afastem!
Há um rio por despejar no infinito, mas na terra
Nada é imperceptível no gesto de quem aprendeu a lançar o seu cabelo para o alto.

da memória

para Walter Benjamin

Colhia todos os gestos do mundo
Separava o que lhe convinha
De um lado aqueles que de tão belos lhe ardia
De outro os que só doíam
Ainda guardava os suaves
A memória acolhia
Jurou guardar somente aquilo que ele não via

da liberdade

Um leque de liberdade junto ao rio
Vê-se na ponte as garras

Onduladas pelo vento

Perto, cantaremos ao abandono
Esperamos no mundo
Um cheiro de aleia
Sim, é um leque

biografia do sofá

Arrastei meus pés pelo caminho
Eu sei, não é verdadeiro
A brisa exausta sentou-se em mim
Num abraço forte ficamos
Era somente o nada entre nós
De modo que nas fendas do nada
Estamos plenamente conosco
O mar é uma irrefutável testemunha
Além do mais as palavras migraram
Com os grãos de areia branquinhos.
– Que íntimo restou?
Levei meus pés para o caminho das dunas
Lá, dormi com as palavras que me aquecem do frio
A brisa que senta comigo hoje não é a mesma que senta todo dia.



sergipe

allan jonnes

Lagartos

Allan Jonnes de Souza Araujo, 1990, é um escritor e jornalista nascido na cidade de Lagarto, no Sergipe. Teve o trabalho publicado em diversas revistas brasileiras, tais como *Modo de Usar & Co*, *Acrobata*, *Continente*, *Ouriço* e *Peixe-boi*. Em 2021 lançou o livro de poemas *Areia para engrenagens*.

história

Um casal assiste abraçado a um pequeno desastre,
foram surpreendidos em outro passeio
e agora estão ali como no abismo, a ver
o fim de um hiper-mercado.
Os estilhaços de Eternit no rosto de uma criança,
saqueadores de Häagen-Dazs em trajes de ginástica,
depositários loiros da moral punitivista
estreado-se em ladrões,
insurgindo da fumaça preta como uma gangue de dublês
carregados de Gillete Prestobarba
O gerente com um revólver ao redor dos caixas eletrônicos
e por sobre tudo um derrame
três andares de fogo e de entretenimento.

No fim, lembrarão apenas isto do namoro
estiveram abraçados e ao redor
um grande evento
a tudo saqueava, mudava, terminava.

Se forem alegóricos dirão:
ao evento chamamos História.
Se forem práticos não dirão nada.

password

Sonho com cinco poetas chilenos
nascidos a partir de 1991
Estão numa periferia de San Bernardo
E emitem alternadamente sinais com a garganta
A ver se conseguem trincar
Os ossos de um pássaro vivo sob a mesa
e dão de explicar
isto aqui é um sarau
quem primeiro trincar os ossos desse pássaro
é o campeão
mas não adianta a força,
que os ossos de um pássaro trincam sobretudo
é pelo alvoroço da carne
quando ressoa nele uma palavra exata

não há rituais para os que furtam

Não há rituais para os que falham,
para os que preferem não ir adiante.
Não há rituais para os veteranos de uma guerra
perdida, os que esconderam-se.
Não há rituais para suicidas,
rituais para um divórcio.
Para os que abandonam seus recém-nascidos
em um córrego, ou na casa de parentes.
Não há rituais para os que desistem de um livro,
Para os que desistem da literatura
Para os plagiadores de cueca
Os que alternam noites de barbitúrico
com noites de Derby & Rum Montilla
Não há rituais para os que largam a escola
Rituais para o cansaço.
Não há festejos nenhum para uma desistência.
Tudo isto ocorre no escuro,
à meia voz, às escondidas.
Apenas o que permanece é festejado,
o que perpetua-se, o que não se desfaz.
Não há rituais para imprevistos,
para o que desanda,
para o que fracassa.
Para isto há o poema.

extrema unção

Ave gang de infratores
com o rosto prateado

batalhões de exu-campina
furtando latas de Pitú

& sanduíches de cordeiro
Para lancharem à beira de um abismo.

Louvada seja a dinâmica das águas
Do turvo deus Vaza-Barris

Que faz sumir na mansidão os nossos suicidas
que justo para isto te procuram

E ungido seja o óleo diesel das Scantias
que trafegam na BR-235

porque atravessam o norte violento
e retornam carregadas de maconha.

blenda santos
Aracaju

Blenda Santos Pereira é poeta, nascida e criada no Santos Dumont, bairro periférico de Aracaju, capital de Sergipe. Iniciou o seu trabalho com a literatura em 2016 e desde então, circula por diversos espaços, utilizando a união da poesia falada e da performance corporal como ferramenta de reconstrução de narrativas do povo preto e periférico. Em 2018, venceu o Slam Sergipe e foi a primeira representante do estado no Campeonato Brasileiro de Poesia Falada, o Slam BR.

crio tecnologias com a boca

uma mulher carregando no ventre um caixão de uma tonelada levantou voo nesta madrugada
um menino correndo na rua atrás de uma bola também desafiou as leis da física
ela que não aprendeu a ler, me ensinou a escrever poesia
e se eu esquecer, eu nem sei mais o que fazer
eles não queriam que eu viesse, mãe
e eu sou poeta
crio tecnologias com a boca, pois preciso lembrar de cada animal em extinção nesse país,
em que todo mundo sonha em ter um pai
nós não somos iguais e graças a deus
um movimento contínuo para queimada de sutiãs nunca me disse tantas coisas assim
desde então, eu era mordança com folhas de flandres
de onde eu vim, águas passadas movem moinhos
não esqueço das que vieram e abriram caminhos
ketu, nagô, gege, bantu
não quero sua cor, sua cultura, sua lida
não quero seu espaço, sua crença, sua língua
nós não somos iguais e graças a deus
os reconheço pelo cheiro de quem desde o primeiro banho, nunca mais parou de feder
quem tem punho cerrado que erga
eu escrevo para todas aquelas que virão depois de mim

descarte de escravos no mar mudou o hábito dos tubarões

Escrevo para criar outras imagens de você deitado
Para fazer com as próprias mãos justiça
É lembrar que aqui não se pode temer, nem se pode esquecer
Descarte de escravos no mar mudou o hábito dos tubarões
Meu amor, não esqueça de não acordar com uma bala perdida nas costas
Eu tenho pressa de voltar, de percorrer na cabeça o caminho de casa
Se a periferia é extensão de quilombo, o futuro só pode ser ancestral
Estamos à beira do precipício que é sonhar
Mas ter medo de acordar, nunca foi uma opção para olhos como os nossos
Minha boca aberta é arma
É reparação histórica
É contar a verdadeira história por eles mal contada
Como o amor para quem teve seus filhos arrancados dos braços
Para quem presenciou seus companheiros apanhando sem razão
Branco até aguenta preto resistindo
Mas nunca revidando
É inadmissível que todas as dores do mundo
Seja a única coisa que eu possa falar

antecedentes

não me convence de coisa alguma
quem diz que um corpo precisa passar por entre facas
para assim aprender sobre algo
não existe esse que saia ileso de campos de concentração
guerras não foram feitas para ensinar nada
sangues não podem ser tintas sobre telas
balas mesmo que de borracha deixam cicatrizes
o que antecede é a única fórmula mutável
mas ninguém está interessado nas lágrimas

quando não se provoca barulho algum

possivelmente eu dou risada de quem prefere as palavras que nunca li
procuro sinônimos para não repeti-las
contrario alguma coisa da minha própria cabeça
eu disse: pedro, já pensou se você gaguejar?
o meu tio tentou enfiar a língua na minha garganta
eu fui correndo contar ao meu pai
ele não fez nada
e eu nunca imaginei pedro gaguejando
dia desses dei de chorar como tem sido desde o primeiro contra-ataque
inoperante
quando não se provoca barulho algum
ninguém manda aceitar porque dói menos mas no final de até agora
nunca mais parou de doer
e ainda assim, mesmo sem querer, eu insisto em dizer as mesmas palavras
falar sobre tangerinas ao invés da história que todos esperam que eu conte
falar de novo, repetir até me sentir calma demais e exatamente por isso cansar
quase como acreditar em movimentos contínuos
quase como pertencer a uma vanguarda de qualquer coisa
quase como meninas brancas plantando bananeira sem calcinha
o meu medo da raiva nunca me protegeu de nada

versos também são escritos dentro do ônibus

veja, como escrevo feito quem tem pressa de voltar
nunca quis nada que não fosse tão ligeiro
não me peça para ter calma
não me peça para seguir as suas normas poéticas
a verdade é que isso nunca me interessou
lembrei de um outro homem
falando sobre esse negócio não pertencer a um tipo especial de pessoa
mas a minha mãe não sabe ler
e os homens não sabem de quase nada
pois foi o que faltou nas aulas de português
pois foi o que não falou aquele professor que nos pedia silêncio o tempo inteiro
eu odeio a calma, o silêncio e o capítulo do livro que traz um texto sobre o exílio no bebeléu
[daquele

cantor de merda que distribui flores
versos também são escritos dentro do ônibus
um poema não é só como quem começa e mesmo perdendo consegue lembrar de alguma parte
não se pode falar de amor de um outro jeito
mas os meninos brancos esqueceram
não ouço o canto dos pássaros
não vejo árvores bonitas
não me banho em mares tão azuis
e é exatamente por isso
que eu também sou poeta

renata decastro
Aracaju

Renata Figueredo de Castro é carioca, mas vive em Aracaju há quase quarenta anos. É poetisa, doutora em literatura, professora, tradutora e colunista na revista virtual *Vício Velho*, com a coluna “Sibila”, dedicada à autoria feminina. Tem quatro livros publicados: *O terceiro quarto* (2017), *Hystéra* (2018), *De quando estive em Alto-Mar: poemas de afogamento e algumas mortes felizes* (2021) e *A melancolia tem fome: poemas insones e outros pesadelos* (2024). Fez parte de algumas antologias poéticas, sendo a do Prêmio off Flip 2022, na qual recebeu menção honrosa, a mais recente.

volição¹⁶

Fechar-se todo
voltar a ser ovo
zigoto
não falo, não enxergo
não ouço,
mas sinto
o desmanchar de cada osso,
o dissolver do corpo.
Involução:
voltar a ser eu
para nascer outro.

¹⁶ Originalmente publicado em *A melancolia tem fome: poemas insones e outros pesadelos* (2024).

Sim¹⁷

Sim.

Tenho um corpo habituado à recusa
um corpo-armadura
em seu trabalho besouro e caracol
são nãoos deleitosos
que se espargem
sobre o grosso,
a casca que se quer encarquilhada
tenho um sim, irmão do não,
que me nega.
Calor intenso de derreter
chumbo e berro
tenho esse corpo fechado
cheio de frestas-arestas
fere o de-dentro
fere o de-fora
um corpo habituado à recusa
é um corpo que se entra
e se aferra
em seu trabalho centopeia e aguilhão.

¹⁷ Originalmente publicado em *A melancolia tem fome: poemas insones e outros pesadelos* (2024).

sem título

antes da Palavra,
há o Movimento
– o sopro –

o que escapa ao pensamento
tem a beleza do infiltrar-se,
é líquido incontido.

o Nome eterniza
e aprisiona na mesma medida,
é o roubo do arrepio.

antes de qualquer palavra,
há o sentimento, o suspiro
o vivo sussurro da não-Palavra
fluindo
– sem ruído –